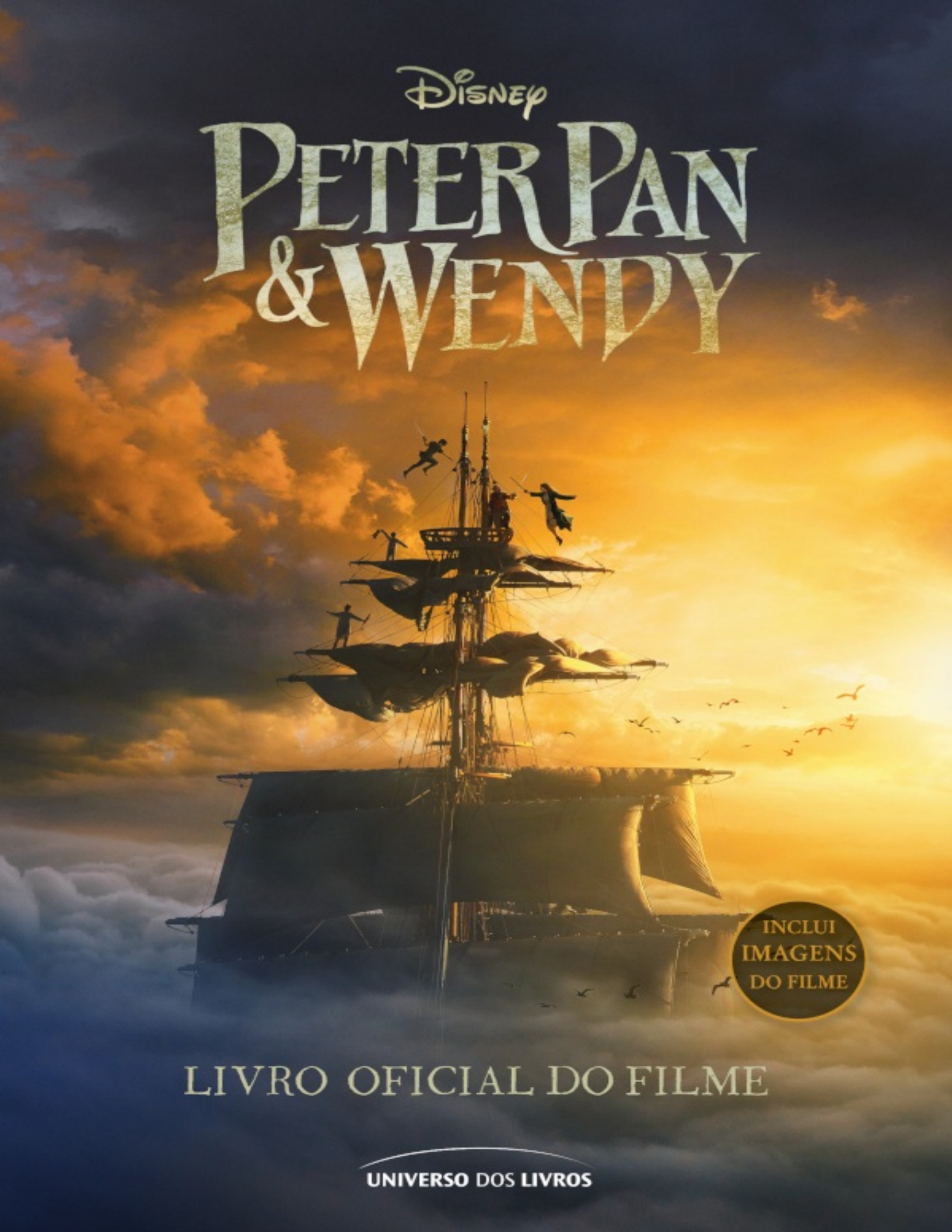
Disney
PETER PAN & WENDY
INCLUI IMAGENS DO FILME
LIVRO OFICIAL DO FILME
UNIVERSO DOS LIVROS


Disney
PETER PAN
& WENDY

Peter Pan & Wendy – The Junior Novelization
Copyright © 2023 Disney Enterprises, Inc.
© 2023 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Gerente editorial: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

Tradução: Carlos César da Silva

Preparação: Nilce Xavier

Revisão: Nestor Turano Jr. e Aline Graça

Arte: Renato Klisman

Adaptação de capa e diagramação: Francine C. Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

R854p Rudnick, Elizabeth

Peter Pan e Wendy : livro oficial do filme / Elizabeth Rudnick ; tradução de Carlos César da Silva. — São Paulo : Universo dos Livros, 2023.

136 p : il., color.

e-ISBN 978-65-5609-318-5

Título original: Peter Pan & Wendy – The Junior Novelization

1. Literatura infantojuvenil americana I. Título II. Silva, Carlos César da

22-6944 CDD 028.5

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 – 8º andar – Conj. 803
CEP 01141-030 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Disney

PETER PAN & WENDY

LIVRO OFICIAL DO FILME

Adaptado por ELIZABETH RUDNICK

São Paulo
2023

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS



Em uma tranquila rua de Londres, um mar de guarda-chuvas escoava pelas ruas de paralelepípedos conforme homens e mulheres voltavam para casa sob o céu que escurecia rapidamente. Um trovão ressoou e a chuva ficou mais forte. De vez em quando, carruagens passavam respingando água enquanto o som dos cascos dos cavalos ecoava pelas pedras. Uma a uma, as pessoas deixavam a calçada e entravam nas casas modestas, mas bem cuidadas, cujas luzes brilhavam calorosas e acolhedoras.

Em uma dessas casas, a residência dos Darling, o trovão foi sufocado pelo barulho da épica batalha que era travada.

Brandindo espadas de madeira, João e Miguel Darling lutavam no corredor principal da casa. A cachorra da família, uma são-bernardo grandona chamada Naná, os seguia de perto. Ela sempre tentava manter os meninos sob controle, embora sem muito sucesso. Seu nome, aliás, era mais uma brincadeira das crianças com o cargo da companhia canina: Naná era a babá do grupo. Às vezes, no entanto, ela não conseguia se conter e juntava-se a eles. As espadas golpeavam para a frente e para trás, passando de raspão pelos objetos ao redor. Porta-retratos que exibiam os registros da família ao longo dos anos tremiam e balançavam nas paredes. Do lado de fora, um relâmpago iluminou o céu, seguido pelo estrondo de um trovão, conferindo um tom ainda mais sinistro à luta. A chuva batia com força no telhado. Mas a batalha continuava apesar do barulho — ou talvez intensificada por ele.

— Seu tempo está acabando, Peter Pan! — gritou João, balançando sua espada no ar. Aos dez anos, ele se considerava um espadachim muito superior. Inclinando a cabeça, mas com cuidado para não derrubar a cartola do pai, que ele

“pegara emprestada” para a brincadeira, João deu alguns passos à frente.

Seu irmão mais novo, Miguel, deu um pulo para trás, agarrando o ursinho de pelúcia desgastado em suas mãos enquanto tentava escapar do ataque de João.

Esta era uma encenação recorrente na casa dos irmãos Darling, mas que nunca deixava de ser divertida para eles. Peter Pan era a estrela de uma de suas histórias de ninar favoritas, e eles adoravam fingir que eram o menino que nunca cresceu. Quer dizer, Miguel gostava de interpretar Peter. João preferia ser o vilanesco Capitão Gancho.

— Cuidado com o crocodilo! — gritou João, envolvido na brincadeira.

Naná deu um latido de alerta, como se tivesse avistado um crocodilo de verdade. Miguel, por sua vez, só sacudiu a cabeça.

— Peter não tem medo de crocodilos — disse ele, mais do que satisfeito em corrigir seu irmão. — *Você* é que tem!

Ambos os meninos gritaram e continuaram a lutar pelo corredor da casa aconchegante. A chuva ficou ainda mais forte enquanto eles perseguiam um ao outro pela escada em espiral. Mas o som da chuva não era alto o bastante para abafar a bufada de impaciência que a irmã mais velha, Wendy, soltou quando saiu do quarto dos pais. Ela trazia uma mala na mão. Suas bochechas estavam vermelhas e o cabelo castanho-claro estava bagunçado.

— Eu ouvi da primeira vez! — disse ela, pisando duro ao subir a escada, bem em frente aos irmãos. — Estarei pronta.

Sem olhar para João ou Miguel, ela subiu as escadas e cruzou a porta aberta do espaçoso sótão que servia de quarto para as três crianças. Brinquedos estavam espalhados pelo chão e havia três camas — duas contra uma parede e a terceira na parede oposta. Ocupando a maior parte da parede de frente para a porta, havia uma grande janela com um aconchegante assento.

Depois de largar a mala no banco da janela, Wendy começou a jogar roupas lá dentro. Ouviu os irmãos entrarem no quarto, e o som de suas espadas se chocando fez sua carranca se aprofundar. Será que não podia ter um momento de paz para ficar de mau humor, como bem merecia?

Wendy suspirou. Sabia que seu rosto e humor combinavam com o clima tristonho e chuvoso lá de fora. Não podia acreditar que esta era sua última noite no quarto das crianças. Tentou tanto convencer a mãe e o pai de que não precisava ir para o internato, mas eles insistiram. Era a coisa “certa” a se fazer pelo futuro dela. Mas como poderia ser o certo se parecia tão terrivelmente errado? Wendy não queria sair de casa. A menina fez uma pausa, abraçando um bichinho de pelúcia bem apertado contra o peito. Não estava pronta para abrir mão de sua infância e de toda a diversão que a acompanhava — por exemplo, pensou ao ouvir João e Miguel lutando atrás dela, brincando de faz de conta.

Ela sorriu. É claro, teria que se mudar no dia seguinte, mas isso não significava que não poderia desfrutar de uma última luta com seus irmãos. Virando-se, Wendy deu a João e Miguel um sorriso malicioso.

— É bom que não tenham se esquecido de *mim* — alertou.

Pegou sua própria espada e se jogou na batalha. Os meninos ficaram radiantes quando a irmã mais velha entrou na brincadeira. Mas logo voltaram a ficar sérios. A luta continuaria — ainda melhor do que antes.

Sem perder mais tempo, Wendy assentiu para o irmão mais novo.

— Entregue-me o tesouro! — gritou ela, pegando um par de brincos de pérola que Miguel tinha nas mãos. — Agora… deixe o Gancho comigo!

Wendy se virou para João e se agachou, pronta para dar o bote.

— Deixe-me passar, Capitão Gancho, ou passarei por cima de você.

Wendy e João começaram a duelar. Envolvida na encenação, Wendy se esqueceu de por que estava triste. É verdade, já tinham brincado disso tantas vezes que até haviam perdido a conta, e ela até podia estar um pouco velha demais, mas mesmo assim não se cansava da brincadeira.

Enquanto duelava cada vez mais impiedosamente, a expressão de João mudou de encantada para cautelosa. De repente, ela deu um golpe que acertou com força os dedos dele.

— Ai! — gritou João.

— O que foi? — perguntou Wendy, ainda no faz de conta. — Está desistindo, Gancho?

— Não, é que você…

Antes que João terminasse de falar, Wendy lhe deu outro golpe, a espada escapou da mão dele e saiu voando pelo quarto e acertou um espelho na parede. O estilhaçar do vidro fez um barulho alto.

As crianças arregalaram os olhos e largaram as espadas. Naná choramingou baixinho.

Wendy engoliu em seco.

— Opa.

A porta do quarto das crianças se abriu. O sr. Darling entrou. Ele estava dando o nó na gravata-borboleta, os movimentos de seus dedos deixando claro que já tinha bastante prática.

— Certo, crianças, é hora de…

Ele viu a expressão de culpa no rosto de seus três filhos ao encararem a parede atrás dele. Virando-se, viu o espelho quebrado e suspirou.

— De novo não! — falou. — Quem foi o responsável por isso?

As crianças abaixaram a cabeça de lábios selados. Já haviam passado por isso antes. Era parte da brincadeira tanto quanto a própria batalha. Piratas jamais

denunciavam outros piratas. Por azar, apesar de não dizerem nada, a rápida olhadela de João para Wendy era tudo de que o sr. Darling precisava.

O sr. Darling aproximou-se da filha mais velha.

— Wendy.

A menina levantou a cabeça e encarou os irmãos.

— Dedo-duro!

— Eu não falei nada! — defendeu-se João.

— *Vocês dois* começaram! — rebateu ela. Olhando de volta para o pai, ela acrescentou: — A brincadeira era *deles*. A culpa foi *deles* e…

— Já chega! — interrompeu o sr. Darling, fazendo Wendy se calar. Ele estendeu a mão. — Me deem essas espadas. Agora.

Com relutância, Wendy e Miguel entregaram ao pai as armas de madeira. O sr. Darling arqueou uma sobrancelha.

— A cartola — acrescentou. João levantou as mãos lentamente, tirou o chapéu da cabeça e o entregou. Mas o sr. Darling ainda não tinha terminado. Sabia que a brincadeira incluía mais um certo item que lhe pertencia. — Agora o relógio.

João tirou o relógio do bolso, e seus lábios tremiam.

— Mas ele me ajuda a dormir — explicou, agora não mais soando como um capitão pirata, mas absolutamente como um garoto de dez anos.

— Te ajuda a… — O sr. Darling fez uma pausa ao ver o rosto do filho. — Ah, tudo bem. Só tenha *muito cuidado* com ele. O relógio de um homem é de extrema importância. Bem como sua casa… — Ele foi até o espelho quebrado e pegou a espada caída embaixo dele. Suspirou de novo. — Embora eu tema que a nossa será apenas escombros até vocês três virarem adultos.

Naná batia o rabo no piso de madeira enquanto olhava das três crianças para o sr. Darling.

— Venha, Naná — chamou o sr. Darling.

— Ai, mas ela não pode ficar só mais… — Wendy começou a perguntar.

O sr. Darling a interrompeu.

— Não, não pode. Francamente, é assim mesmo que você quer passar sua última noite nesta casa, Wendy?

A menina franziu o cenho ao ser lembrada da situação.

— Só estávamos brincando um pouco!

— Exatamente! — respondeu o sr. Darling. — Você já está muito velha para esse tipo de brincadeira.

Sem dizer nem mais uma palavra, ele pegou Naná pela coleira e saiu do quarto com ela. Os dois desapareceram pela escada, deixando as crianças sozinhas.

Houve um momento de silêncio constrangedor enquanto os três ficaram

parados no quarto, sem saber o que fazer ou dizer.

— Por que você fez isso? — perguntou João, enfim.

Wendy deu de ombros.

— Você é um pirata, não é? Cada um por si.

Ela não sabia ao certo por que havia feito tudo aquilo: juntado-se à luta, respondido ao pai, dedurado os irmãos. Só estava cansada de tudo e furiosa porque, no dia seguinte, seria forçada a entrar numa nova vida. Wendy cerrou os punhos com força e sentiu uma pequena picada. Abrindo uma das mãos, viu que ainda segurava os brincos que havia tomado como "tesouro".

Foi até o espelho quebrado do seu lado do quarto, separado da metade dos irmãos por uma cortina, e segurou os brincos na altura das orelhas. Inclinou um pouquinho a cabeça para ver seu rosto dividido em dois pela rachadura no vidro. Por um momento, sentiu que estava olhando para duas Wendys — uma que queria ficar para sempre no quarto das crianças e outra, menor, curiosa para saber quais aventuras a aguardavam no mundo dos adultos.

— Combinam com você, filha.

A voz da sra. Darling assustou Wendy. A menina se virou, abaixando as mãos.

— Devia levá-los amanhã — continuou a sra. Darling, entrando no quarto. Ela estava arrumada para sair e, como sempre, era a representação perfeita da elegância refinada. Wendy não sabia como a mãe conseguia, mas ela nunca tinha um fio de cabelo fora do lugar ou um vinco sequer no tecido de seu vestido.

— Eu preferiria não ter que fazer isso — rebateu Wendy, afastando-se do espelho quebrado e se jogando na cama.

A sra. Darling abriu com delicadeza a cortina que dividia o quarto e sentou-se na cama ao lado de Wendy.

— Você precisa dar um exemplo melhor para seus irmãos — disse. — Eles te admiram tanto.

— É para isso que eles têm *você* — respondeu Wendy, fazendo bico.

A sra. Darling sorriu e tirou uma mecha de cabelo do rosto da filha.

— Eles precisam que *eu* seja a mãe deles, e que seu pai seja o pai deles. Mas precisam que *você* seja a irmã mais velha em quem podem se espelhar. Eles irão seguir seus passos, então precisa ser uma boa líder.

— E como farei isso do internato? — perguntou Wendy.

— Bem, você pode começar indo de cabeça erguida — respondeu a sra. Darling. — É isso que fazemos. Se uma mocinha tiver bastante sorte, a certa idade ela vai para a escola e se prepara para a vida que tem pela frente.

Wendy balançou a cabeça.

— E se eu não quiser essa vida?

— Foi o que *eu* fiz quando tinha sua idade.

— E se eu não quiser a sua vida? — rebateu Wendy. Como poderia fazer a mãe entender? Será que ela não se lembrava de como era ter a idade da filha e sempre ter que fazer o que os adultos queriam e do jeito que eles mandavam?

Os olhos da sra. Darling reluziram de emoção, mas sua voz permaneceu estável ao falar:

— Do que você tem medo?

Quando ouviu a pergunta, a raiva de Wendy se dissipou e a tristeza tomou seu lugar.

— Quero que as coisas continuem como estão.

— Como estão? — repetiu a sra. Darling. Ela indicou a outra ponta da cama, onde os pés de Wendy estavam suspensos no ar. — Você mal cabe na sua cama!

Wendy encolheu as pernas, não querendo admitir que a mãe estava certa.

— Você está crescendo — disse a sra. Darling.

— Talvez eu não queira crescer — falou Wendy.

A sra. Darling assentiu. Sabia que ninguém gostava de mudanças.

— Não se pode parar o tempo, Wendy — disse a mãe. — Ele vai continuar passando, goste você ou não. Pense em todas as coisas que você perderia se não se deixasse ver aonde ele vai te levar! — Ela fez uma pausa, esperando ver algum indício de compreensão nos olhos de Wendy, mas a expressão no rosto da filha continuava séria quando a menina se deitou de lado. — E imagine o tanto que o mundo perderia se *você* não estiver lá para fazer essas coisas.

Wendy não falou mais. Com carinho, a sra. Darling puxou o cobertor por cima dos ombros trêmulos da filha, depois passou os dedos por seu cabelo. Com as três crianças deitadas em suas camas, a sra. Darling cantou uma suave canção de ninar, a mesma de todas as noites. Logo, Wendy e os irmãos estavam dormindo profundamente.

Inclinando-se, a sra. Darling deu um beijo no topo da cabeça de Wendy e foi na ponta dos pés em direção à porta, puxando as cortinas que separavam a cama de Wendy da dos meninos.

— Boa noite, crianças — falou para os filhos adormecidos antes de sair do quarto e fechar a porta.



O quarto das crianças estava quieto, exceto pelo farfalhar de lençóis quando as crianças se mexiam na cama, adormecidas. A casa parecia sentir o descanso de seus habitantes — o rangido do piso se calou e a fundação se acalmou durante a noite.

De repente, um tilintar gentil e inconfundível de sinos, bem do lado de fora da janela respingada de chuva, quebrou o silêncio. Se alguma das crianças estivesse acordada e fosse investigar, ela se surpreenderia ao ver uma luzinha que brilhava ao abrir a janela e voar para dentro do quarto.

Essa luz, no entanto, era na verdade uma fadinha: Tinker Bell.

Com apenas alguns centímetros de altura, a criatura pequenina volteou pelo quarto das crianças, com seus grandes olhos castanhos analisando o ambiente. Manchas douradas de poeira brilhavam em seus cachos escuros, e em suas costas, um par de asas translúcidas batiam tão rapidamente que eram quase invisíveis. Atravessando o quarto, a fada olhou para João e depois para Miguel. Franziu a testa. Não eram quem ela estava procurando. Virando-se, avistou uma cortina fechada do outro lado do quarto. Curiosa, voou e acenou com as mãos. Um pó dourado voou de seus dedos, e as cortinas magicamente se abriram, revelando Wendy Darling.

Os olhos de Tinker Bell se iluminaram. Era *essa* a criança que ela procurava! Chegando mais perto, lançou um beijinho na direção de Wendy. Outra lufada de poeira reluzente apareceu. Quando o pó mágico caiu sobre a pele de Wendy, ela brilhou levemente e, por um momento, Tinker Bell e a menina iluminaram o quarto. Wendy sorriu, ainda dormindo. Tinker Bell assentiu, satisfeita. O pó mágico estava cumprindo seu trabalho — fazendo Wendy mergulhar mais

profundamente em seus sonhos felizes.

E, então, Tinker Bell viu Wendy começar a levitar.

Era exatamente isso que a fada torcia para que acontecesse. A combinação de sonhos felizes e pó mágico surtia o efeito esperado. Ela bateu as mãos, ansiosa para dar o próximo passo no plano…

— Te peguei!

Uma mão agarrou Tinker Bell em pleno ar.

Wendy arregalou os olhos. Ela olhou para cima, depois para baixo. Ao perceber que não estava na cama, gritou e sacudiu os braços no ar. Agora, sem um único pensamento feliz restante para contar história, ela caiu com tudo no chão, causando um estrondo.

— O que… o que estava acontecendo? — perguntou ela, decididamente confusa. — Eu estava sonhando?

João segurava a visita, e Miguel também havia acordado.

— Você estava *voando*! — exclamou o irmão mais novo.

— Como? — perguntou Wendy.

— Um insetinho fez você voar — respondeu Miguel, como se o que disse fizesse todo o sentido e acontecesse todos os dias. Ele apontou para o irmão mais velho, sentado de costas para a janela, prendendo Tinker Bell entre as mãos.

— Não sei bem se é um inseto… — falou ele. Dentro da concha de suas palmas, sentiu o que quer que estivesse esvoaçando contra seus dedos. Lembrou-se de quando pegou um vaga-lume em uma noite quente de verão e o prendeu por um momento antes de soltá-lo. A cintilação era suave, como uma cócega. Separou os dedos só o suficiente para que Miguel e Wendy pudessem dar uma olhada.

Tinker Bell olhou para eles, com o rosto vermelho de raiva. Wendy saltou para trás, sem saber o que fazer. Nada daquilo fazia sentido.

— É uma… — Wendy lutou para encontrar as palavras. — Uma…

Antes que pudesse concluir seu pensamento, porém, uma lâmina brilhante surgiu da escuridão por trás de João e se apoiou no ombro do garoto. João ficou paralisado. A lâmina era de aço frio — em nada parecido com as espadas de madeira com que ele e os irmãos brincavam.

— *Ela* é uma fada — alguém disse — e é melhor você soltá-la.

João nem hesitou. Abriu as mãos e a fada, como a voz a havia chamado, voou em liberdade. Pairando acima deles, um barulho que parecia um milhão de sininhos tilintando ao mesmo tempo preencheu o quarto. Tinker Bell sacudiu a cabeça e balançou o dedo para as crianças. A intenção era clara: *Nunca mais me chamem de insetinho!*

Enquanto isso, o estranho segurando a espada emergiu das sombras para a luz

fraca do quarto. Era um menino da idade de Wendy. Sua pele marrom estava coberta por roupas das cores da floresta e, sob o gorro emplumado em sua cabeça, uma faísca travessa brilhava em seus olhos.

As crianças mal podiam acreditar no que estavam vendo. Mas não restava dúvida em suas mentes…

— Você é… — começou João.

— Peter Pan? — terminou Miguel.

O garoto inclinou a cabeça.

— Estavam esperando outra pessoa?

Wendy, enfim conseguindo falar, colocou-se na frente dos irmãos.

— Não estávamos esperando ninguém — disse firmemente. — Como você pode ser real? Não é apenas um personagem de história?

Peter deu de ombros.

— Por que não posso ser os dois? Gosto de ouvir histórias sobre mim mesmo. E sua mãe é muito boa contando elas para vocês.

Wendy semicerrou os olhos. Peter respondeu uma de suas perguntas, mas tinha mais de onde aquela tinha vindo. Por exemplo…

— O que está fazendo aqui?

Peter deu uma olhada pelo quarto das crianças, depois respondeu baixinho:

— Dois motivos. Primeiro: precisamos tirar você daqui. E o segundo… — Ele parou de falar de repente quando, do outro lado do quarto, Tinker Bell tilintou de cima de uma cômoda. Apontou para o móvel e badalou mais algumas vezes. E então, enquanto todos observavam, as gavetas da cômoda sacudiram com força.

— Minha sombra! — concluiu Peter.

— Sua sombra? — repetiu João.

Peter assentiu.

— Eu sabia que a tinha deixado aqui.

Os irmãos Darling se entreolharam. Ele já tinha ido ali antes? Quando? Como?

Sem perceber que, em silêncio, as crianças questionavam toda a situação, Peter continuou.

— Ela sempre tenta fugir e eu só tenho uma…

Ele correu até a cômoda e abriu a gaveta de baixo. Ao fazê-lo, a gaveta do meio, ligeiramente entreaberta, se fechou. Peter a agarrou e abriu, só para a primeira gaveta lhe acertar com tudo bem na cabeça.

— *Ai!* — gemeu Peter, passando a mão na testa.

Nesse momento, uma sombra — a sombra de Peter! — surgiu na parede atrás dele. Era a sombra mais estranha que qualquer uma das crianças já tinha visto. Ela não seguia Peter. Não se alongava ou encurtava de acordo com a inclinação

da luz. A sombra tinha vida própria! Na verdade, enquanto eles olhavam, a sombra parecia se agachar e se esgueirar ao longo da parede, como se pudesse fugir.

Avistando a sombra travessa, Tinker Bell tilintou freneticamente.

Com o alerta dos badalos da fada, Peter se virou na direção onde ela estava e gritou:

— Aí está você!

Peter mergulhou no ar atrás dela, perseguindo-a pelo quarto, indo direto para o closet de Wendy, onde aterrissou com um barulhão.

Enquanto Peter lutava para ficar de pé, a sombra continuou tentando escapar. Saltou para fora do closet, passou por Wendy, e então encolheu para o tamanho de uma boneca e foi direto para uma grande casa de bonecas montada no canto do quarto. Seguindo rápido, Tinker Bell voou por uma das pequenas janelas. Um brilho amarelo iluminou a casinha enquanto a fada perseguia a sombra de um andar para o outro.

Wendy assistiu à cena com os olhos arregalados e a mente a todo vapor. Tentou entender tudo o que estava vendo, mas era quase impossível. E agora seu próprio irmão estava se envolvendo. Miguel e Peter levantaram a casa de bonecas, sacudindo-a.

— Saia daí, sombra! — gritou Miguel.

A sombra escapou e continuou sua corrida frenética pelo cômodo. Ganhou velocidade sobre o teto e então, antes que qualquer um deles pudesse detê-la, escapuliu pela porta do quarto, rumo à escada. Wendy levou as mãos à boca. Se a sombra saísse da casa, seria praticamente impossível recuperá-la. Empurrando os irmãos de lado, Wendy também seguiu a sombra pelo corredor. Examinando o espaço escuro, avistaram-na descendo as escadas.

Todavia, antes que pudessem chegar ao primeiro andar da casa, Naná pulou do escuro e pousou bem em cima dos pés da sombra. A danada, que nunca tinha visto um cachorro antes, ficou imediatamente paralisada, e depois começou a tremer de pânico.

— Bom trabalho, Naná! — parabenizou Wendy.

Naná balançou o rabinho, e a sombra se contorceu e se remexeu.

Peter desceu as escadas correndo e agarrou a sombra, tirando-a de baixo das patas de Naná.

— Quando é que você vai aprender que não pode ir a lugar algum sem mim? — perguntou Peter.

A sombra apontou para a escada e deu de ombros, como quem diz *Até que eu fui bem longe*.

Mas Peter sacudiu a cabeça.

— Dessa vez não conta — disse ele, parecendo mais resmungão do que nas histórias que os Darling amavam ouvir antes de dormir.

Bufando, Peter se sentou na escada e tentou amarrar a sombra aos pés, mas ela estava escorregadia como uma salamandra, e Peter não conseguia pegá-la de jeito. Franziu o cenho e contorceu os lábios diante da dificuldade.

— Não seja assim, fique quieta… — pediu ele.

Wendy sentiu uma onda de compaixão. O garoto estava se esforçando tanto e a situação claramente o chateava. Correu de volta para o quarto das crianças e pegou uma bolsinha da cômoda antes de se sentar ao lado de Peter no degrau mais alto.

— Talvez eu possa te ajudar com isso — sugeriu ela, tirando da bolsa uma agulha de costura pequena e um carretel de linha. Ao ver a agulha fina, Tinker Bell voou para socorrer Peter, empurrando as mãos de Wendy, tentando afastá-las do garoto.

Peter a deteve:

— Está tudo bem, Tink — falou ele. — Wendy não vai me machucar.

— Ela não fala? — perguntou Wendy vendo a fada considerar as palavras de Peter e então parar.

— Claro que fala — respondeu Peter. — Você só não aprendeu a escutá-la direito.

Tinker Bell tilintou, concordando.

Wendy olhou para a criaturinha: a expressão no rosto de Tinker Bell por si só já era suficiente. Apesar de não entender a linguagem da fada, gostava do som de sininhos.

— Você é muito pequenina, Tinker Bell — Wendy falou com doçura.

Tinker Bell instantaneamente começou a badalar e tinir. Por um bom tempinho. Mesmo que não falasse a língua das fadas, Wendy percebeu que havia ofendido Tinker Bell de alguma forma.

— O que ela está dizendo? — perguntou.

Peter deu de ombros.

— Ela diz: Todas as fadas são pequenas. É o que faz as fadas serem fadas.

Wendy olhou para Peter e então para Tinker Bell. Era evidente que a fada não dissera nada daquilo, e ou Peter tinha inventado ou estava nervoso demais para contar a verdade a Wendy. A menina suspeitou mais da última alternativa quando Tinker Bell derrubou um soldado de brinquedo.

Como não havia nada que Wendy pudesse fazer sobre o mal-entendido, colocou as mãos na massa. Enfiou a linha na agulha e começou a costurar a sombra no pé de Peter. A agulha se movia suavemente para dentro e para fora da sombra, como se fosse um pedaço de veludo preto. Os dedos de Wendy

hesitaram. Estava fascinada e um pouco perturbada com o que estava fazendo. Nunca havia costurado uma sombra antes e, embora não fizesse sentido, parecia funcionar.

Enquanto continuava com sua tarefa, Wendy fez uma pergunta que a estava importunando.

— Como você sabia meu nome, Peter Pan?

Os olhos de Peter continuaram grudados à agulha.

— Ouvi sua mãe te chamando — ele respondeu. — "Wendy, é hora de acordar! Wendy, é hora de ir para a escola!", mas você nunca queria ir.

A mão de Wendy parou. Embora provavelmente devesse ficar incomodada com o fato de que esse menino soubesse tanto, não ficou. Na verdade, viu-se comovida de uma maneira estranha. Peter Pan parecia entender exatamente o que ela estava sentindo em seu coração.

— Você tem me espionado? — perguntou Wendy.

Peter assentiu.

— Às vezes.

— Por quê?

— Porque — respondeu Peter — eu estava esperando você dizer.

Wendy inclinou a cabeça.

— Dizer o quê?

Peter finalmente desviou o olhar de onde a sombra estava sendo costurada. Havia um brilho travesso em suas pupilas, mas sua voz estava séria quando falou:

— A mesma coisa que eu disse uma vez: *Não quero cre…*

Absorvida pelo que Peter dizia, a mão de Wendy escorregou e a agulha picou seu pé. Não foi feio nem muito profundo, mas ele gritou como se Wendy o tivesse ferido fatalmente.

Batendo as asinhas na direção dos dois, Tinker Bell derrubou a agulha da mão de Wendy e tilintou raivosa ao se virar para Peter. O menino segurava o pé com cara de dor.

Wendy engoliu em seco. Será que havia mesmo o machucado tanto?



—**V**ocê me espetou! — gritou Peter Pan. — Você me acertou em cheio bem no cora ão!

A sombra, que não parava de saltitar, não ajudou em nada a situação.

João e Miguel, que assistiam à cena toda com bastante curiosidade, olharam para os pés de Peter.

— Seu coração fica no pé? — perguntou João, confuso.

Peter assentiu.

— O seu não?

— Desculpa! — falou Wendy. — O que posso fazer?

Gemendo, Peter massageou o pé e fez caretas de dor. Levantou-se e fez um grande drama como se de fato estivesse sofrendo muito. Wendy começou a se perguntar se o havia mesmo machucado tanto, apesar de não entender como aquilo teria sido possível…

Tentando ajudar, Miguel seguiu os pulinhos de Peter de volta ao quarto das crianças.

— Quando o Sr. Urso se machuca, a mamãe dá um beijo nele para sarar.

Peter olhou para o garotinho.

— O que é um… beijo?

— Você não sabe o que é um beijo? — perguntou Wendy, surpresa. Ela recebia beijos da mãe e do pai desde que se conhecia por gente. Era assim que sabia que eles a amavam; mesmo se às vezes ficasse brava com eles.

Peter fez que não.

Wendy hesitou. É verdade, *ela* sabia o que era um beijo, mas não sabia se estava pronta para mostrar para Peter. A menina pegou um dedal do kit de

costura e o entregou a ele.

— Pronto — falou. — *Isso* é um beijo.

O garoto examinou o dedal em sua mão. Então o girou e girou como se fosse um artefato estranho e desconhecido. Enfim, olhou de volta para ela e sorriu.

— Gostei muito!

Wendy assentiu.

— E agora se sente melhor?

— Sim. Novinho em folha — respondeu Peter.

Tinker Bell voou para Peter e começou a tilintar impacientemente em seu ouvido. Peter ouviu, ou pareceu ouvir, e então assentiu com a cabeça em aparente concordância. Levantou-se e se espreguiçou, certificando-se de que sua sombra ficasse com ele.

— O que ela está dizendo? — perguntou Wendy, examinando Tinker Bell de perto. A fadinha tinha o cenho franzido e não parecia nada feliz.

— Que já passou da hora de irmos — respondeu Peter.

— Ir aonde? — perguntou João.

Peter sorriu para o garoto, como se fosse revelar uma surpresa.

— Ao único lugar no universo inteiro onde você pode ser você mesmo — explicou com animação. — Onde as aventuras mais incríveis estão por todos os cantos. Nada de regras, escolas, hora de dormir, nada de mães, nada de pais… e o mais importante…

— Nada de crescer — terminou Wendy.

— O mais importante — disse Peter.

Ela sabia muito bem do que ele estava falando. Afinal, cresceu ouvindo histórias sobre esse menino e o lugar de que ele falava. O rosto de Wendy se iluminou de alegria e ela bateu palminhas.

— Você está falando da Terra do Nunca!

Os olhos de João se arregalaram por detrás dos óculos.

— Mas decerto *nós* não poderíamos ir para lá…

Ir à Terra do Nunca seria como realizar um sonho, mas João gostava de um bom planejamento — e essa história parecia impulsiva demais para seu gosto.

— É claro que podem! — disse Peter.

João engoliu em seco.

— Mas como chegamos lá? — perguntou Miguel.

Um sorriso maroto se espalhou pelo rosto de Peter.

— *Essa* é a parte divertida.

Momentos depois, as crianças Darling estavam no parapeito do lado de fora do quarto. Acima delas, as nuvens tinham se dissipado e as estrelas brilhavam. No pequeno pátio abaixo, Naná, que desceu correndo as escadas quando as crianças começaram a fazer as malas, olhava para elas e latia, nervosa.

Eles não demoraram nada para pegar o que precisariam levar para a Terra do Nunca — para Wendy, sapatos; para Miguel, o Sr. Urso; e para João, a cartola do pai e um guarda-chuva. Agora estavam prontos… ou quase.

Olhando para o chão lá embaixo (que parecia muito, muito longe), João engoliu em seco de novo.

— Bem, de repente essa me parece uma ideia *horrível*.

Wendy, por sua vez, não estava tão incomodada com a altura.

— Sempre sonhei em voar — disse ela alegremente.

Ao lado dela, Peter assentiu.

— É a coisa mais fácil do mundo. Tudo o que precisa fazer é encher a mente de pensamentos felizes.

Cético, João semicerrou os olhos.

— Só isso?

Suspensa no ar ao lado de Peter, Tinker Bell tilintou.

— Ah, é mesmo — falou Peter. — E um pouco de pó mágico.

Tinker Bell voou até Wendy e badalou novamente. Wendy fez o possível para entender, mas, outra vez, não conseguia descobrir o que a pequena fada estava lhe dizendo para fazer. Suspirando, Tinker Bell passou a mãozinha pelos olhos de Wendy.

— Quer que eu feche os olhos? — perguntou Wendy.

Tink assentiu e Wendy fechou os olhos com força. Fez o melhor que pôde para ter pensamentos felizes. De primeira, não veio nada.

— Em que está pensando? — perguntou Peter ali perto.

Wendy hesitou. De fato, *em que* estava pensando? Eram apenas momentos vagos. Precisava se concentrar.

— Em quando eu era mais nova — respondeu enfim —, quando eu era feliz… com as coisas como costumavam ser.

E, assim, as memórias começaram a tomar forma por trás de seus olhos fechados. Lembranças de quando passeava pelo parque com a mãe, na manhã de Natal, de brincar com Naná quando era filhotinha. Os pensamentos felizes continuaram a inundar sua mente. Aulas de piano com o pai, lutinhas na lama com os irmãos no quintal, tardes aninhada nos braços da mãe enquanto a luz do dia ficava dourada…

Enquanto Wendy se concentrava, Tinker Bell a cobriu de pó mágico, que brilhou no ar ao redor da menina. Por um momento, a menina se iluminou,

dourada ao flutuar do parapeito.

Com os olhos ainda fechados, Wendy não sabia o que estava acontecendo até Peter dizer:

— Agora. Abra os olhos!

Wendy obedeceu — e levou um susto. Estava flutuando bem alto no ar, sua casa estava logo abaixo de si, como se tivesse permanecido no mesmo lugar e o mundo tivesse escorregado sob seus pés. Os prédios, que pareciam tão altos quando estava no chão, agora pareciam os brinquedos de sua casa de bonecas, minúsculos e pitorescos. Com um sorriso no rosto, Wendy observou enquanto os irmãos a seguiam no ar, deixando um rastro de pó mágico pelo caminho.

— Uaaaauuuu… — disse Miguel, apertando o urso de pelúcia junto ao peito. O menino soltou outro grito de felicidade e mergulhou para baixo, depois voltou a subir. Ao seu lado, João balançava as pernas no ar em desespero.

— Tem certeza de que é seguro?

Peter sorriu.

— É claro que é! Eu nunca caí!

João lançou um olhar cortante para ele. Não era lá a resposta mais reconfortante do mundo.

Rindo sem maldade da preocupação do irmão, Wendy continuou a explorar sua nova liberdade. Ao girar no ar, sentiu-se tomada por uma onda de alegria.

— Estou voando! — gritou.

E conforme a sensação se intensificou, ela subiu e depois mergulhou, com borboletas no estômago de tanta emoção. Passando rapidamente pelos irmãos, voou um pouco mais para dentro da cidade, pousando no telhado de uma casa aqui, pulando para outra casa acolá.

— Venham! — gritou, gesticulando para que os irmãos a seguissem enquanto ela pulava do telhado de um prédio para outro, e os três se afastavam cada vez mais de sua própria casa. Juntos, atravessaram a cidade, que parecia quase mágica de seu ponto de vista único — os habituais tons monótonos de cinza e preto dos edifícios e a cobertura de fumaça e fuligem, àquela altura pareciam de um azul radiante e de um dourado profundo. Era como se o pó mágico de Tinker Bell tivesse coberto não apenas eles, mas toda a cidade de Londres.

Wendy finalmente parou na frente do Big Ben. A grande torre do relógio era um dos marcos mais conhecidos de Londres. E ali estava ela, de pé sobre a torre como se estivesse na calçada. Peter então mergulhou e pousou ao lado da garota.

Miguel fez um pouso um tanto quanto desajeitado do lado oposto do mostrador do relógio, mas tinha um grande sorriso no rosto, enquanto João abriu seu guarda-chuva e desceu lentamente até seus pés tocarem suavemente a superfície de pedra. Quando todos recuperaram o fôlego, Peter apontou para

duas estrelas que brilhavam no céu.

— Ali está ela — disse. — A segunda estrela à direita e seguindo até a manhã.

— Parece tão longe — falou Miguel, apertando o Sr. Urso no peito.

João olhou para o relógio, preocupado. Não deveria mesmo estar fora da cama a essas horas, muito menos em cima do Big Ben e voando.

— Talvez seja melhor irmos numa outra hora…

Wendy sacudiu a cabeça. O que havia de errado com seus irmãos? Esta era a chance de fazerem algo incrível — e eles estavam preocupados com regras. Bem, ela não estava.

— Estou pronta! — exclamou Wendy, franzindo o cenho para os irmãos. — Estou pronta para ir para a Terra do Nunca. Vamos já!

— Mas e a mamãe e o papai? — perguntou João.

Peter tranquilizou o garoto.

— Estaremos de volta antes que eles acordem. Antes do amanhecer! O tempo funciona de um jeito diferente na Terra do Nunca. — Ao dizer isso, o ponteiro dos minutos no Big Ben andou para trás. — Ele vai para cima e para baixo, para a frente e para trás.

Agora ambos os ponteiros começaram a se mover em direções opostas. O mundo ao redor começou a brilhar e depois a mudar bem diante de seus olhos. O céu noturno parecia se esticar e se mover ao redor deles, como se o tecido do espaço-tempo estivesse se abrindo. Era a coisa mais mágica que Wendy já tinha visto.

Estendendo os braços, ela olhou para os irmãos.

— João… Miguel… Segurem minhas mãos.

Os meninos hesitaram e então, lentamente, pegaram as mãos dela.

— O que me dizem? — perguntou Wendy. — Prontos para uma aventura?

João fez que não no mesmo momento em que Miguel fez que sim.

— Não é a mamãe que sempre diz que você precisa ser a mais responsável de nós três? — perguntou João com a voz um pouco trêmula.

Wendy sorriu e assentiu para o relógio atrás deles.

— Tarde demais! — disse ela.

E pulou, mergulhando no ar da noite. E, com a maior facilidade do mundo, Londres sumiu abaixo dos pés dos irmãos.

Eles estavam indo para a Terra do Nunca.



A atmosfera em torno deles pareceu ficar mais suave quando Wendy, João e Miguel seguiram Peter. As estrelas pulsaram e depois se transformaram em listras coloridas. Enquanto Wendy observava, as listras começaram a girar, as cores ficando cada vez mais vibrantes até desaparecerem e o espaço ao redor delas escurecer. Não havia “acima”. Não havia “abaixo”. Tudo parecia flutuar nesse vazio entre mundos. O relógio de bolso de João caiu de seu colete e ele o pegou — os ponteiros giravam descontroladamente como se tentassem encontrar o tempo.

No que pareceu apenas um momento, Wendy se viu em um mundo totalmente novo. Abaixo dela, um oceano cristalino se estendia, ficando cor-de-rosa e dourado enquanto a água refletia os raios do sol nascente. Wendy olhou para cima e viu a luz da manhã ondulando pelo céu até onde uma sombra de terra florescia no horizonte, crescendo à medida que se aproximavam.

— Olhem! — disse Miguel ao lado de Wendy.

— Eu vi! — exclamou Wendy.

João, que tinha puxado a cartola para tapar os olhos e evitar o voo de rodopios e giros pelo ar, finalmente a afastou da vista.

— Isso é a…

— Terra do Nunca! — completou Peter com um sorriso enorme no rosto ao contemplar o lugar que chamava de lar.

A Terra do Nunca era diferente de tudo que Wendy podia ter imaginado e tudo o que ela poderia desejar. Afloramentos rochosos ladeavam a costa, criando cavidades onde as sereias brincavam e chapinhavam água. Além das rochas, penhascos imponentes se elevavam no ar e depois deram lugar a colinas da cor

de esmeraldas. Descendo, Wendy se viu sobre um campo de grama dourada que subia e descia como ondas.

— Venham! — chamou Peter, voando alto ao lado dela. — Há tanto para se ver!

Decolando, Peter voou mais, mais e mais alto. Wendy o seguiu o mais rápido que pôde; seus irmãos, todavia, foram um pouco mais devagar. Enquanto a irmã estava maravilhada com este novo mundo, os meninos ainda estavam preocupados. Parecia que tudo era um pouco perfeito demais. Eles tinham ouvido as histórias de Peter Pan. Sabiam que aonde quer que o garoto fosse, havia uma pessoa que certamente o seguiria.

Então não podiam deixar de se perguntar, enquanto voavam atrás de Wendy e Peter, onde estaria o Capitão Gancho?



Skylight estava sozinho na vigia do *Jolly Roger*. As velas do grande navio pirata estavam amarradas firmemente ao mastro, prontas para serem desfraldadas a qualquer instante. Mas, naquele momento, as coisas estavam calmas. O vento não soprava, o sol brilhava e, enquanto examinava o céu com sua luneta, não viu nada fora do comum. Apenas pássaros nas árvores, sereias brincando na água, Peter Pan voando pelo ar…

Espere! O quê?

Skylight reajustou a luneta e engoliu em seco. Sem dúvida alguma, aquilo no céu era Peter Pan.

— Ah, não — disse ele. — Ah, não, não, não. — Isso não era bom. Nada bom.

Skylight saltou da vigia e balançou sobre o convés do navio. O intimidador navio pirata já tinha visto dias melhores. Suas laterais estavam incrustadas de cracas, e a madeira dos conveses estava podre. Uma grande bandeira branca tremulava na brisa, fazendo as figuras da caveira e dos ossos cruzados pintadas à mão se curvarem assustadoramente, servindo de alerta a todos que vissem o *Jolly Roger* de que deveriam temer sua tripulação.

Aterrissando, Skylight tentou não pisar nas pilhas de piratas adormecidos que cobriam o convés. Seus companheiros de tripulação eram um bando xexelento. Havia Gurley e o Velho Clemson; a sempre mal-humorada sra. Starkey; e Dirtbag Benny, que recebeu tal nome porque era bastante sujo, mesmo para um pirata. Depois havia Scrimshaw Sam e o maior de todos, Billy Jukes.

Ao passar por eles, Skylight sussurrou para si mesmo:

— Ele voltou, ele voltou. O menino voltou!

Suas palavras, embora abafadas, chegaram aos ouvidos dos demais piratas, provocando um fervor. O grupo começou a se movimentar enquanto Skylight se dirigia aos aposentos do capitão. Parou em frente à porta, que, como o resto do navio, também precisava de reparos. Estava coberta de arranhões, os buracos tinham sido remendados, mas continuavam com farpas. Skylight respirou fundo. E bateu.

Não houve resposta.

Skylight bateu de novo.

— O que foi?

A voz que veio do outro lado da porta era grave e áspera. Não parecia nem um pouco feliz com a interrupção.

Engolindo em seco, Skylight olhou por cima do ombro para o resto da tripulação. Todos o observavam com nervosismo e curiosidade.

— É o menino, Capitão — respondeu com a voz trêmula. — É Peter Pan.

De repente, um estrondo ecoou pelo ar e a porta pulou das dobradiças, acertando Skylight bem no peito e jogando-o para trás. Ele caiu no convés com um baque, inconsciente.

Quando a fumaça se dissipou, da escuridão dos aposentos emergiu um homem, uma espécie de monstro do pior pesadelo de uma criança. Seu cabelo era escuro como a fumaça pela qual ele andava, e um bigode pesado cobria seu lábio superior. Tinha olhos frios e a pele endurecida por anos sob o sol. E onde deveria estar sua mão direita, havia um grande gancho enferrujado.

Era o Capitão James Gancho.

— Nunca. Diga. O nome dele — vociferou.

Um vento gelado acompanhou suas palavras gélidas e, ao pisar no convés, os piratas sentiram um arrepio percorrer-lhe a espinha. Sem se dar conta, ou talvez simplesmente acostumado ao efeito que provocava em sua tripulação, o capitão se virou para seus aposentos e gritou:

— Sr. Smee! Anote imediatamente. Meu gabinete precisa de uma nova porta.

Um momento depois, o sr. Smee também saiu dos aposentos do capitão. O pirata mais velho já estava curvado pela idade; seu cabelo — o que restava dele — era do mesmo tom grisalho que a barba. Trazia um par de óculos sobre o nariz e uma trombeta auricular pendurada no pescoço, já que, depois de passar anos ao lado de canhões, tinha uma certa dificuldade para ouvir. Aproximando-se do capitão, o sr. Smee assentiu. Um avental cobria sua habitual camisa listrada e ele segurava uma tigela. O capitão o interrompera no meio do café da manhã.

— Uma nova porta! — disse o sr. Smee. — Sim, é claro. Se me permite dizer, capitão, será a sua terceira só este mês.

Capitão Gancho deu de ombros. Só se importava com aquele maldito Peter Pan.

— E não será minha última. Onde está minha luneta?

O sr. Smee, sem usar a trombeta, ouviu errado o que o capitão disse e lhe entregou seu dispositivo auditivo.

— A *lu*neta, não a *trom*beta! — repetiu, mais alto desta vez.

— Ah, a luneta! — disse o sr. Smee. — Tá na mão, capitão.

E entregou o item solicitado, que foi rapidamente arrancado de sua mão.

— Não fale de mãos para mim — rosnou Gancho e expandiu a luneta, apontando-a para o céu. Num primeiro momento, não conseguiu ver nada além do sol brilhando forte no céu irritantemente azul, que parecia zombar dele com sua felicidade e calor. Mas então viu uma mancha passar. Seguindo com a luneta, o Capitão Gancho avistou Peter. Viu que a pequena fada estava com o menino, como sempre, mas, surpreendentemente, parecia haver três novas crianças a reboque.

— Ah-rá. Aí está você — disse o capitão, como um caçador avistando sua presa. — Livre, leve e solto pelo céu… mas não por muito tempo.

Abaixando a luneta, o homem suspirou. Sua manhã estava oficialmente arruinada. Mas talvez houvesse uma maneira de mudar isso.

Vendo o brilho nos olhos do capitão, o sr. Smee falou. Nunca sabia o que esperar de Gancho quando o assunto era Peter Pan.

— O que quer que a gente faça?

— Ora! Vamos convidá-lo para tomar um chá conosco, Smee! — respondeu o capitão.

— Ouviram, rapazes? — gritou Billy Jukes para o convés. — Botem a chaleira para ferver! É hora do chá!

Gritos de comemoração explodiram dos piratas. Eles sabiam muito bem qual era o significado de “chá” para o capitão, e foram direto para os canhões.

— Chá! — disse Smee, extasiado, sem entender ao certo a intenção do capitão. — É sempre uma boa pedida.

Enquanto Smee ia para dentro dos aposentos de Gancho para preparar mesmo um pouco de chá, Billy Jukes se aproximou do capitão com duas balas de canhão imensas debaixo do braço.

— O menino vai querer com um ou dois sachês? — perguntou.

O capitão deu um sorriso maléfico e disse:

— Por que não servimos um chá bem concentrado com todo o insumo que temos?

Isso, pensou ele, vendo o pirata carregar o canhão, certamente deixaria sua manhã muito, muito melhor.



Wendy ainda não conseguia acreditar que estava na Terra do Nunca. Voando por dentro de nuvens espessas e fofas, ela respirou fundo. O ar era mais doce sem a poluição de Londres. E também não havia gritos de motoristas de carruagens ou de pessoas enquanto tentavam atravessar as ruas lotadas. Tudo era tão lindo e pacífico, como se tivesse saído de um conto de fadas…

BUM!

Wendy gritou quando a bala de canhão atravessou as nuvens e quase a acertou em cheio. A onda de choque da explosão impulsionou a menina para trás, e ela perdeu o controle do voo. Por sorte, Peter conseguiu pegar sua mão antes que ela caísse.

— O que foi aquilo? — perguntou, respirando com dificuldade.

— Piratas! — respondeu Peter. — Vamos!

Juntos, mergulharam em um enorme banco de nuvens, com João e Miguel logo atrás. Acima deles, outra bala de canhão perfurou o ar bem onde eles estavam. Voando rápido, Wendy e Peter romperam a última camada de nuvens e se encontraram logo acima de uma ilhota. Aterrissando na enorme coluna rochosa que se elevava sobre as ondas abaixo, olharam para a enseada. Um navio flutuava na água de uma lagoa tranquila. O ar ao redor estava cheio de fumaça de tiros de canhão.

— É o Gancho! — falou Peter.

João e Miguel trocaram olhares nervosos.

— *Capitão* Gancho? — perguntou João.

Peter assentiu.

— Quem mais estaria tentando me matar tão cedo assim na manhã? Ele disse

isso como se levar tiros de canhões enormes fosse algo tão rotineiro quanto tomar um chá ou dar um passeio pelo parque ao pôr do sol.

Mas isso definitivamente *não* era rotina para os Darling, e à medida que as balas de canhão continuavam se aproximando cada vez mais, as crianças ficavam cada vez mais nervosas. Voaram de uma ilhota a outra, conseguindo ficar logo à frente das balas de canhão. Chegando a uma delas que tinha uma saliência rochosa que oferecia alguma cobertura, eles voaram para baixo. Enquanto todos tentavam recuperar o fôlego e desacelerar os corações disparados, Tinker Bell voou até Peter e tilintou enquanto apontava para a margem.

— Boa ideia, Tink! — falou Peter quando a fadinha terminou.

— O que ela está dizendo? — perguntou Wendy.

— Que deveríamos tomar a atitude mais sensata: levar a briga até eles!

Wendy franziu o cenho. Olhou para Tinker Bell, que revirava os olhos, e teve a nítida sensação, mais uma vez, de que não era nada disso que a fada havia dito. Mas também teve a sensação de que Tinker Bell estava acostumada com isso. Era só mais outro dia, outro confronto. Se a realidade fosse como as histórias que ela conhecia da rivalidade de Peter e Gancho, eles sempre encontrariam uma maneira de se enfrentar. Peter brincava com Gancho, escondendo-se dele e depois aparecendo para provocá-lo. Gancho o encontraria e ficaria com raiva. Balas de canhão seriam disparadas; espadas seriam desembainhadas. Era — para Peter, pelo menos — como um grande jogo.

Sem saber em que Wendy estava pensando, Peter se prontificou à tarefa.

— Ouçam bem — disse ele ao grupo. — Vou na frente. Vocês três pegam a retaguarda. Vamos atacá-los da proa à popa. — Ele fez uma pausa e olhou para o *Jolly Roger*. De onde estavam, Peter podia ver que Gancho havia trazido o Long Tom. O enorme canhão era o mais longo e poderoso da artilharia de Gancho. Peter não estava preocupado. Continuou: — Nunca nos verão nos aproximando! Podem atacar todos os piratas, mas, lembrem-se, deixem Gancho para m… *BUM!*

A ilhota explodiu abaixo deles, enviando as crianças pelos ares em direções diferentes. João e Miguel agarraram-se um ao outro enquanto o ar ao redor deles se enchia de fumaça. Wendy tentou não perder os irmãos de vista, mas foi lançada na direção oposta. Com o pânico crescendo e a visão ficando turva, ela espiralou em direção ao mar abaixo.

— Pensamentos felizes, pensamentos felizes… — repetiu Wendy de novo e de novo, mas não ajudou em nada. Ainda estava em queda livre, aproximando-se da água em um ritmo alarmante. Não importava quais pensamentos tentasse entreter, nada poderia fazê-la voar naquele momento.

Ela caiu de cabeça no oceano, espirrando água para todos os lados.

Foi envolvida pela correnteza, que puxava suas roupas enquanto ela lutava para subir à superfície. Emergindo acima das ondas, ela tossiu e cuspiu. Balançou os braços, mas foi inútil; não conseguia nadar com o vestido pesado, ensopado pela água. Tinha certeza de que afundaria sob as ondas e nunca mais voltaria à superfície. Por sorte, as ondas a empurravam para mais perto da costa. Ficando mole, deixou se carregar. Pouco tempo depois, foi levada para a praia rochosa. À medida que a água recuava atrás dela, o pouco de pó mágico que lhe restava desapareceu.

Sentando-se, Wendy apalpou os braços e as pernas. Não acreditava que tinha sobrevivido. Mas então, de repente, um pensamento horrível invadiu sua cabeça.

— João! Miguel! Peter! — gritou.

Ninguém respondeu. Seu coração acelerou à medida que pensamentos terríveis preenchiam sua mente. Aonde eles tinham ido parar? Será que estavam machucados? Será que tinham sido acertados pelas balas de canhão? Será que estavam perdidos, sozinhos e com medo?

Enquanto seus pensamentos saíam de controle, Wendy olhou para as ondas, que continuavam quebrando na praia, e viu algo na água. Seu coração caiu quando o item ficou mais claro — o chapéu de Peter.

— Ah, não! — gemeu baixinho, levantando o chapéu e o segurando nas mãos com delicadeza.

Olhando ao redor, Wendy viu um penhasco relvado surgindo à beira-mar. Lá de cima, teria uma visão melhor da água e da área circundante. Correu em direção ao penhasco e escalou seu lado íngreme. Quando chegou ao topo, estava ofegante. Esquadrinhou o horizonte, ansiosa para avistar qualquer sinal de Peter, seus irmãos, Tinker Bell, ou até mesmo dos piratas. Mas ninguém estava lá. O mar sem fim parecia vazio. Estava sozinha.

Caindo de joelhos, Wendy engoliu um soluço. O que faria agora? Não sabia onde estava e não poderia deixar a Terra do Nunca sem Tinker Bell para lhe dar pó mágico. A aventura de repente parecia menos um sonho e mais um pesadelo.

Continuou sentada ali e, de repente, sentiu uma rajada de vento roçar seu cabelo e esfriar as bochechas flamejantes. E então, por cima do vento, ouviu cascos. Virando-se, Wendy viu uma jovem subindo a colina em sua direção montada no garanhão branco mais magnífico que já tinha visto. Ao se aproximar, Wendy percebeu que a garota era mais velha que ela, mas não muito;

provavelmente tinha quinze ou dezesseis anos. Seu cabelo escuro brilhava ao sol, e seus olhos castanhos eram calorosos enquanto olhavam para Wendy. Havia algo familiar na garota, mas Wendy não conseguia identificar o quê. Será que já a tinha visto em algum lugar antes?

Parando na frente dela, a garota começou a falar rapidamente em um idioma que Wendy não entendia, embora tivesse certeza de que em determinado momento ouviu seu nome.

Finalmente, a garota parou e começou de novo.

— Você é a Wendy? — perguntou de novo, agora sendo entendida por Wendy.

Wendy se assustou. Como a moça sabia seu nome? Será que elas *já* se conheciam? Ainda estava tentando entender tudo quando viu que a garota não estava sozinha. Um grupo de oito crianças subiu a colina atrás dela e cercaram o cavalo. Os meninos e as meninas estavam vestindo trapos e restos de uniformes escolares. Alguns usavam o que pareciam ser fantasias caseiras de animais, como João e Miguel usavam no Halloween.

— Você é a Wendy? — perguntou a garota de novo.

— Sou *uma* Wendy — respondeu Wendy. Parecia uma resposta segura o bastante.

Uma das crianças se aproximou, era uma menininha pálida de aparência séria que usava um gorro de coelho e um longo casaco marrom.

— A Wendy que Peter foi procurar?

— A Wendy que conhece histórias para dormir? — perguntou um menininho de cerca de onze anos que tinha a pele marrom e usava um casaco roxo.

Wendy olhou de uma criança para outra. Do que estavam falando? Como sabiam disso? Teve a sensação de que conhecia aquelas crianças; era a mesma sensação que tinha sobre a garota.

Nesse momento, meninas gêmeas com não mais de dez anos, com idênticos cabelos escuros e encaracolados e pele marrom, deram um passo à frente. Uma usava um casaco vermelho e a outra, azul. Apesar dos rostos angelicais, assumiram uma seriedade ao acrescentar:

— Porque, se você não conhece histórias, é uma impostora.

— E você sabe o que fazemos com impostores — falou a garota de gorro de coelho. Para esclarecer o que dizia, puxou uma faca e a girou no ar.

Wendy imediatamente levantou as mãos e sacudiu a cabeça.

— Não! Eu conheço histórias! Muitas — disse rapidamente. Não estava gostando nada do olhar feroz da menininha.

— Calma, Curly… — falou a moça que estava em cima do cavalo. Ela desmontou, foi até Curly e abaixou a faca dela. A tensão mitigou e, naquele momento, Wendy percebeu exatamente por que tinha a impressão de conhecer a

menina mais velha.

— Você é… Tigrinha? — perguntou.

— Você sabe meu nome? — disse a garota.

Estava começando a fazer sentido. Se ela era Tigrinha, uma menina que pertencia ao povo nativo da Terra do Nunca e costumava ajudar Peter nas histórias que Wendy ouvia no quarto das crianças…

Wendy se virou e olhou ao redor para as crianças.

— Isso significa que vocês devem ser…

— Os Meninos Perdidos — explicou um menino franzino de pele cor de pêssego. Ele era mais velho que os demais, parecia próximo aos treze, e usava um casaco verde e um chapéu triangular marrom. — Cada um de nós.

Wendy olhou para o grupo e pensou em todas as histórias que ouvira sobre essas mesmas crianças. Agora eles estavam bem na frente dela, tão vivos quanto Peter. Passou diante deles, combinando mentalmente as crianças à sua frente com as descrições das histórias. Havia Curly, de cuja dureza Wendy agora se lembrava. Slightly era quem acabara de falar. E então havia Tootles, o de casaco roxo. Mas apesar de os nomes serem familiares, havia algo que não fazia sentido.

— Mas vocês não são todos meninos — observou ela.

— E daí? — disse uma das gêmeas com a mão na cintura.

— Acho… acho que não importa — falou Wendy.

Nas histórias que ela conhecia, os Meninos Perdidos sempre eram, bem, meninos. Isso definitivamente era diferente. Assim como todo o resto da verdadeira Terra do Nunca estava se mostrando ser.

Outra garota deu um passo à frente. Pelo casaco feito de folhas e o cabelo preto curto em tranças, Wendy presumiu ser Birdie.

— O que importa — disse ela — é o que você fez com Peter.

Wendy balançou a cabeça.

— Eu não fiz *nada* com Peter — protestou. — Ele é que me trouxe para cá. Eu e meus irmãos…

— Irmãos!

Wendy olhou na direção de onde veio o grito de surpresa, perto de seus pés. Um menino menor, usando óculos e uma fantasia de raposa, olhou para ela, e Wendy percebeu que ele estava amarrando seus cadarços. Reprimiu um sorriso. Só podia ser Nibs. Ele sempre fora descrito como meio trapaceiro. E ele a lembrava de João e Miguel.

— Peter não falou nada sobre irmãos — disseram as gêmeas em uníssono.

Wendy ficou tão surpresa por quanto os Meninos Perdidos ficaram incomodados com a notícia de que ela não estava sozinha. E continuou:

— Bem, é o que estou tentando dizer! *Nós* estávamos voando juntos quando fomos atacados!

Curly arqueou uma sobrancelha.

— Atacados?

Wendy assentiu.

— Por piratas! Atiraram em nós! — Como se para confirmar o que dizia, Wendy mostrou o chapéu de Peter.

Alguns dos Meninos Perdidos gritaram, outros dois fungaram, e o resto baixou a cabeça. Estavam bastante acostumados com Peter voando e lutando contra Gancho. Mas era raro que ele parecesse estar em perigo real.

— Eu sabia! — exclamou Tootles ao coçar o nariz. — Sabia que era um dia ruim para voar.

Slightly olhou feio para ele. Antes que começassem a fazer suposições de qualquer tipo, era melhor verificar o que realmente estava se passando.

— Telescópio!

Pegou um telescópio do último Menino Perdido, que tinha cerca de doze anos, cujo rosto estava parcialmente coberto por uma máscara de madeira. Wendy franziu a testa, pensando nas histórias. Quem era esse menino mais velho com o cabelo escuro? *Bellweather*! O nome lhe veio de repente. Focando, observou Slightly correr para a beira do penhasco, erguer o telescópio, que, na verdade, nada mais era do que um pedaço oco de madeira, e colocar o olho nele.

— Esses seus irmãos de que você fala… — disse Slightly ao mexer o telescópio para a frente e para trás. — Como eles são?

— Eles… bem, são *desta* altura — falou Wendy, colocando a mão próxima à cintura para indicar o tamanho de Miguel. — E *desta* altura — completou, levando à mão até o ombro para representar João. Ela também revelou que João tinha uma cartola e Miguel, um urso.

— Um urso *de verdade*? — perguntou Tootles, parecendo animado.

Pegando o telescópio de Slightly, Curly analisou o céu.

— São piratas mesmo — falou. Ela passou o telescópio para Wendy.

— Não consigo ver nada — disse Wendy ao levar o pedaço de madeira ao olho.

Ouviu vários Meninos Perdidos murmurarem algo sobre ela ser muito crescida, mas ignorou. Não era culpa dela. Aquele pedaço de pau *não era* um telescópio.

Nibs puxou a manga da roupa da menina.

— Consegue, sim! Só está olhando errado — falou com gentileza. Ele apontou para a madeira, incentivando-a a tentar mais uma vez.

Respirando fundo, Wendy a levou mais uma vez ao olho. Só que, desta vez,

ela tentou ver o que todos os Meninos Perdidos viram — alguma coisa, qualquer coisa. Para sua surpresa, funcionou. Na outra extremidade do tronco oco, imagens começaram a aparecer.

— Agora vi! — exclamou. — Vejo um navio pirata e… piratas e… — Ela engasgou.

Lá, sendo erguidos de um bote para o convés do *Jolly Roger*, estavam João e Miguel. Eles tinham sido capturados!



—**V**enham, rapazes — disse Smee enquanto levava João e Miguel ara o outro lado do convés do *Jolly Roger.*

Os meninos estavam olhando ao redor com medo e admiração estampados em seus rostos, Miguel definitivamente com mais medo do que admiração. Smee se sentiu um pouco mal. Ele não gostava de ver os pequenos chateados. Mas gostava *ainda menos* de ver Gancho chateado. E quando entrasse no gabinete com esses dois, o capitão ficaria satisfeito.

Mas primeiro eles tinham que parar de arrastar os pés. Esperando que uma palavra gentil os ajudasse a andar mais depressa, ele continuou:

— Ora, ora, não pensem que são os primeiros cotocos a serem encontrados em naufrágio. Pra vocês verem, eu salvei o capitão do mar quando ele era só um bocadinho mais alto que vocês.

Os outros piratas, após ajudarem Smee e os meninos a subirem no convés, agora formavam um labirinto para eles passarem. Os homens e as mulheres, todos muito sujos, gritaram, vaiaram e aplaudiram, alguns felizes por terem um prêmio, outros irritados com a presença dos garotos.

— Que belo urso você tem aí — um deles disse quando Miguel passou. — Foi você mesmo que o matou?

Miguel, aterrorizado, agarrou o ursinho bem junto ao peito.

— Não toque no Sr. Urso! — gritou.

Nesse momento, chegaram em frente ao gabinete do capitão. Uma nova porta estava sendo instalada no batente. Smee olhou para os meninos e, então, pigarreando, entrou. Os meninos o seguiram.

O Capitão Gancho estava sentado à sua mesa escrevendo uma carta em seu

gabinete escuro. Seu formidável fonógrafo tocava uma ópera, o que quase deixava o espaço sombrio parecer mais iluminado. Quase. A pouca luz que entrava nos aposentos era fraca e revelava o ar cheio de fumaça e incenso. Ouvindo uma comoção diante da porta, Gancho olhou para cima e viu Smee empurrando dois meninos para dentro da sala.

— Que novidades me traz, sr. Smee? — perguntou. — Boas notícias, espero?

Smee, ouvindo errado como de costume, respondeu:

— Bem, infelizmente não, Capitão, nenhuma noviça…

— Notícias, sr. Smee — interrompeu Gancho. — Notícias. Acertamos o garoto?

Desde o "chá" de mais cedo, Gancho esperava ansioso por atualizações sobre seu inimigo. Era terrivelmente exasperante ter que esperar tanto. Irritando Gancho ainda mais, o sr. Smee balançou a cabeça.

— Ah! Não, não, hoje não — falou Smee. — Mas pescamos *estes* pestinhas da água, um dos quais em posse de um urso possivelmente perigoso…

Ao ouvir isso, Miguel e João, que estavam de cabeça baixa, se entreolharam. Esses piratas realmente achavam que o Sr. Urso era perigoso? Que tipo de piratas acreditavam que um bicho de pelúcia poderia fazer mais do que ser abraçado?

Sr. Smee continuou a falar, sugerindo que talvez os meninos fossem compatriotas de um certo probleminha que sabe voar. Mas Gancho não estava mais ouvindo — pelo menos não Smee. Estendendo a mão, parou o disco no fonógrafo com um guincho ensurdecedor. E então se levantou. Pairando sobre os meninos aterrorizados, segurou o queixo de João em sua mão.

— Escute — disse. — Você ouve o que eu ouço?

João sacudiu a cabeça.

— Acho que não… — falou, nervoso.

Gancho, agora de olhos arregalados e em pânico, balançou a cabeça.

— Xiiiiu — disse, seu chiado soando mais alto do que a resposta que João tinha dado. — Começou de novo. Bem baixinho…

Perdeu a voz quando o pânico em seus olhos aumentou. Gancho podia ouvir. O *tique-taque, tique-taque* quase imperceptível. Que o enchia de pavor, que o enchia de medo. E ele odiava esses sentimentos. Avançando de repente, rasgou o bolso do pijama de João com seu gancho e o relógio de bolso dele escorregou pelo talho. Gancho o encarou como se fosse lhe morder.

— Smee! — gritou.

— Sim, Capitão?

Gancho se virou, enquanto o relógio de bolso balançava pendente no ar.

— Quais são as regras no meu navio?

Smee levantou o indicador.

— Oh, é como se estivessem tatuadas no meu coração! — começou. — Regra número um: em seu primeiro embarque, cada pirata terá direito no final da viagem a dois e três quintos de uma parte de todos os…

Gancho o interrompeu.

— Não, não. Comece na regra trinta e sete.

Smee assentiu.

— Ah, sim. Muito bem, então. Regra número trinta e sete: ninguém deve dizer o nome do garoto. Regra número trinta e oito: nada de assoviar. E regra número trinta e nove… — Smee tentou se lembrar.

Gancho não teve dificuldade nenhuma em refrescar a memória dele. Pegando o relógio de bolso de João e o estraçalhando no chão, rosnou a última regra:

— Nada! De! Relógios!

Após se certificar de que o objeto tinha sido muito bem destruído, Gancho encarou os meninos mais uma vez.

— Agora me digam: como chegaram aqui? À Terra do Nunca?

— Viemos com… — começou Miguel, mas de pronto foi interrompido por Smee.

— Não se esqueça das regras! — sussurrou o pirata. — Não diga o nome dele!

— Não ligamos para as suas regras! — falou João, batendo o pé. Ele estava muito bravo por ter perdido o relógio, e não agiu de maneira tão comportada como de costume. — Viemos com Peter Pan!

Miguel assentiu.

— E ele vai nos salvar!

Do lado de fora de onde a porta do gabinete *deveria* estar, ouviu-se um suspiro coletivo de susto. Os piratas ouviram João dizendo o nome de Peter.

— Depois que eles forem executados, o ursinho é meu — pediu um deles.

Ignorando o grupo bisbilhoteiro, Gancho encarou os meninos diante de si. Um brilho de aço se instalou em seus olhos enquanto bolava um plano.

— Ah, ele vem salvar vocês, é?

João engoliu em seco. O ódio irradiava de Gancho. Ódio e algo muito mais perigoso. O que quer que seja que este homem estivesse planejando, não seria nada bom — nem para eles, nem para Peter. Talvez teria sido melhor se ele e o irmão tivessem ficado quietos.

— Bem… provavelmente? — falou, tentando voltar atrás.

— Esperamos que sim — acrescentou Miguel.

Um sorriso maldoso se espalhou pelo rosto de Gancho. Na maioria dos dias, a palavra *esperança* o enojava. Mas hoje não. Hoje ela lhe deu uma ideia maravilhosa — uma maneira de se livrar desses dois e, melhor ainda, livrar-se de

Peter Pan de uma vez por todas.

— Está pensando o que estou pensando, sr. Smee?

Do lado de fora, os piratas aglomerados começaram a murmurar, empolgados. Sabiam exatamente o que o capitão estava pensando.

— Ele vai fazê-los andar na prancha — disse Scrimshaw Sam, alegre demais, considerando uma declaração tão séria.

Dentro do gabinete, Smee tinha uma ideia completamente diferente do que o capitão estava pensando.

— Que uma xícara de chá cairia bem? — perguntou. Gancho franziu o cenho para Smee, e ele tentou de novo. — Que deveríamos aproveitar esta rara oportunidade de sermos pessoas melhores e deixar os meninos serem meninos e os malandros serem malandros e cada um seguir seu caminho sem arrumar encrenca? — A carranca de Gancho ficou ainda mais profunda, e Smee suspirou. — Ou podemos fazê-los andar na prancha.

Gancho se levantou.

— É *mesmo* um belo dia para usar a prancha, mas tenho uma ideia ainda melhor. — Andando até o convés, olhou para sua tripulação. — Animem-se, rapazes — ordenou. — E preparem-se para irmos à Pedra da Caveira.



Wendy, Tigrinha e os Meninos Perdidos estavam em cima de um penhasco de rochas vermelhas brilhantes. Pelo telescópio, Curly rastreava cada movimento dos piratas. E não gostou do que via.

— A Pedra da Caveira — anunciou, observando enquanto as velas do *Jolly Roger* se desenrolavam e o navio começava a sair da lagoa em direção a uma massa de terra imponente cuja aparência era exatamente como o nome sugeria. — Como eu temia.

Ela entregou o telescópio de volta para Wendy, que olhou por ele mais uma vez.

— Ai, meu…

Em silêncio, o grupo começou a descer as rochas vermelhas em direção ao chão. Bellweather ajudou os menores, enquanto as outras crianças se moviam pelas rochas com cuidado.

— Só tem um motivo por que os piratas vão à Pedra da Caveira — falou Tigrinha quando se aproximaram.

Curly assentiu com uma expressão grave no rosto.

— Haverá uma execução.

Wendy não precisou ouvir mais nada. De jeito nenhum deixaria os irmãos serem executados.

— Bem, o que estamos esperando? Vamos salvá-los!

Isso não caiu bem para os Meninos Perdidos.

— Mas o que é um salvamento sem Peter Pan? — perguntou Nibs de maneira quase inaudível.

Indo até o menino e dando-lhe um tapinha nas costas, Slightly sorriu.

— E o que é um Peter Pan sem seus Meninos Perdidos? Cabeça erguida, Nibs.

Concordando, Tigrinha apontou para a frente.

— Por ali! — disse ela. — Tem um atalho.

Enquanto todos seguiam Tigrinha em direção a um túnel próximo, Wendy deu uma olhada na Pedra da Caveira. O *Jolly Roger* tinha ancorado, e ela só conseguia ver quatro pequenos botes sendo baixados em direção à água. Em um desses barcos estavam seus irmãos. E iria resgatá-los — com ou sem Peter Pan.

Virando-se, correu atrás do grupo e se juntou a eles assim que entraram no túnel. Estava escuro e cheirava a terra úmida. Tigrinha bateu uma pederneira contra a parede rochosa e acendeu sua tocha. Enquanto a chama afastava a escuridão, Wendy ofegou. Estavam dentro de um enorme espaço cavernoso. As paredes eram de rocha áspera, e o chão era de terra batida. Um caminho o percorria até o centro.

— Dá para chegar a qualquer canto da Terra do Nunca daqui — disse Tigrinha seguindo mais fundo no túnel —, se souber o caminho.

Conforme seus olhos se ajustavam à luz bruxuleante, Wendy viu que as paredes rochosas não eram tão convencionais quanto ela esperava. Na verdade, estavam cobertas de pinturas. Ela chegou mais perto e viu que muitas mostravam uma cavaleira liderando um grupo de guerreiros. A mulher lhe pareceu familiar.

— Tigrinha — perguntou Wendy, dirigindo-se à garota —, é você?

— Não — Tigrinha balançou a cabeça. — É minha tataravó. A líder do meu povo. Foi ela que nos trouxe à Terra do Nunca…

— E quando Gancho e seus piratas atacaram pela primeira vez, ela trouxe todos para ficarem em segurança aqui — falou Curly, pulando na ponta dos pés ao contar a história que ela claramente tinha ouvido muitas vezes antes.

Nibs assentiu.

— Eram tempos terríveis — comentou ele, parecendo mais um velho sábio do que um menininho.

— Até que contra-atacamos — revelou Tigrinha.

Wendy olhou para as pinturas, tentando imaginar como devia ter sido para o povo de Tigrinha estar em um novo lugar, sob ataque. Imaginou que eles se sentiram muito como ela estava neste exato momento. Com medo, mas com a

determinação falando mais alto. Não deixaria Gancho machucar seus irmãos, assim como os ancestrais de Tigrinha não o deixariam machucá-los. Ela suspirou.

— Por que o Capitão Gancho é tão maldoso? — Todos os Meninos Perdidos quiseram responder a pergunta de Wendy. Um a um, relataram o resto da história.

— Porque ele cresceu — disse Tootles.

— E do jeito errado — acrescentaram as gêmeas.

— Mas ele ainda é muito bom com uma espada — Birdie assentiu.

— O que faz ele ser muito ruim — acrescentaram mais uma vez as gêmeas.

— E é por isso que deixamos Gancho para Peter — explicou Curly. Slightly se intrometeu.

— E ele o odeia, porque Peter cortou sua mão fora…

— Num duelo — concluiu Nibs. — E…

— E a deu para um crocodilo comer? — perguntou Wendy, lembrando-se dessa parte da história de quando sua mãe a contava. — Junto com o relógio de Gancho?

Surpreso, Tootles inclinou a cabeça.

— Você já sabia do crocodilo?

— A história é assim, não é? — respondeu Wendy.

Nibs bateu as mãos, e o resto do grupo trocou olhares de felicidade.

— Peter estava certo! — exclamou. — Você conhece mesmo histórias! Pode nos contar uma agora?

Wendy sorriu. Que fofo Nibs querer ouvir uma história.

— De que tipo?

— Xiiiiu! — interrompeu Tigrinha, levando o indicador aos lábios.

Todos esperaram por algum tempo, sem saber por que estavam fazendo silêncio ou em que Tigrinha estava tentando prestar atenção. E então ouviram: o som inconfundível de piratas cantando.

E eles estavam se aproximando.



Ao saírem do túnel, Wendy e os demais estavam sobre uma saliência que dava para todo o interior da Pedra da Caveira. Era mais terrível do que a menina jamais poderia ter imaginado. O magma havia formado a caverna milhares de anos antes e centenas de estalactites e estalagmites vulcânicas apontavam para baixo e para cima. Pareciam os dentes vermelhos, brilhantes e horríveis de um monstro tenebroso, prestes a devorar sua presa. Antigos degraus de pedra, que levavam à uma gruta, haviam sido esculpidos nas rochas. A gruta estava cheia de água que vinha de fora, subindo e descendo de acordo com a maré. Nesse momento, a maré estava baixa e uma grande rocha plana, quase parecendo um altar, era visível no centro da gruta. Correntes pendiam de cima dela, e quando Wendy olhou mais de perto, viu esqueletos: os restos daquelas pobres almas que subiram ao altar — e nunca mais desceram.

Desviando os olhos da rocha, Wendy estremeceu ao dar-se conta de que se não fizesse algo, seus irmãos estariam em sérios apuros.

— Ali estão eles! — choramingou, ao ver João e Miguel. Os piratas os arrastavam de um dos botes para a rocha. Enquanto vários piratas os acorrentavam, Wendy estremeceu de medo. — Ai, minha nossa, Miguel nem mesmo sabe nadar!

— Estamos em menor número — disse Tigrinha, o que não ajudou a apaziguar o medo que tomava conta de Wendy.

Slightly assentiu.

— Como sempre.

Wendy olhou de seus irmãos para os Meninos Perdidos. O segundo grupo de crianças parecia calmo demais. Por que eles só estavam parados ali sem fazer

nada?

— Qual é o plano, então? — perguntou.

— É simples — disse Curly. — Esperamos até os piratas saírem… — A maré vai subir antes disso — apontou Birdie.

Tootles deu de ombros.

— Mas eles aguentam uma *afogadinha*, não?

— Não! — choramingou Wendy. — Ninguém pode se afogar! — Eles precisariam pensar num plano melhor.

Mas qual seria?, pensou ela. E onde estava Peter?



Gancho observou enquanto sua equipe acorrentava João e Miguel à rocha. Ele sorriu. Ah, como adorava quando um plano dava certo. E este estava se encaminhando lindamente. Eles até conseguiram acorrentar o precioso urso do menino menor. Logo Peter não teria escolha a não ser aparecer e resgatar essas crianças pobres e indefesas. Então a luta poderia começar.

Mas, antes, não havia mal nenhum em se divertir um pouquinho com eles.

— A maré está subindo, meus queridos naufraguitos — zombou. — Preferem depender da esperança ou da respiração?

Gancho lançou um rápido olhar ao redor. Modéstia à parte, aquela deixa era brilhante. Seria o momento perfeito para Peter aparecer. Quando não aconteceu, voltou sua atenção para os meninos.

O mais velho, João, lutava contra as correntes.

— Você não pode nos matar! Não fizemos nada de errado!

Gancho balançou a cabeça.

— Ah, fizeram, sim — respondeu, bastante sério. — Pegamos os dois no ato, sendo crianças, e não podemos aceitar crianças na Terra do Nunca!

— Regra número quarenta e quatro: nada de crianças na Terra do Nunca! — declarou Smee, satisfeito em poder dar suporte a seu capitão.

Ao redor deles, os demais piratas assentiram e gritaram, concordando.

— Nada de crianças na Terra do Nunca! — repetiu Billy Jukes.

— Nada de crianças na Terra do Nunca! — gritou Scrimshaw Sam.

Um a um, os outros ecoaram o lema, gritando até que a pedra ao redor deles pareceu tremer. No calor do momento, uivaram entusiasmados quando um pirata desengonçado com uma longa barba soltou seu próprio grito:

— Ninguém além de crianças na Terra do Nunca!

Sem se darem conta de que a regra havia sido invertida, os demais piratas

começaram a repetir isso.

Ao perceber o que acontecera, Gancho berrou de raiva, silenciando os demais.

Lentamente, examinou cada um dos membros de sua tripulação com um olhar fulminante, tentando decifrar quem estava por trás do ultraje. Quando avistou o pirata desengonçado, semicerrou os olhos.

— Você aí — gritou. — Há quanto tempo está no meu navio?

Aproximando-se do pirata enquanto falava, Gancho conseguiu vê-lo melhor. Sem dúvida, era um sujeito de aparência estranha. Usava um tapa-olho e seu nariz estava bem vermelho, e a barba era particularmente grande. Se já estivesse no navio há bastante tempo, Gancho teria se lembrado dele.

Nesse momento, Billy Jukes estendeu a mão e deu um puxão na barba do pirata desengonçado. Ela caiu, revelando ninguém menos que Peter Pan.

Smee inclinou a cabeça, sem entender o que estava acontecendo.

— Por que ele está usando isso?

Gancho, entretanto, não estava confuso. Estava furioso. Seus olhos se arregalaram e ele sussurrou ferozmente:

— Pan!

Enquanto o resto da tripulação ainda estava boquiaberta, Peter deu de ombros.

— Preciso admitir, não é lá tão ruim ser pirata!

Billy Jukes, não muito satisfeito por ter sido enganado junto com o restante dos comparsas, levou o braço para trás e desferiu um soco. Rapidamente, Peter se abaixou, mas o chapéu que estava usando — no qual Tinker Bell estava escondida — continuou flutuando, deixando um rastro de pó mágico. Jukes olhou para o local onde Peter deveria estar e o viu saindo do disfarce.

— Mas é muito melhor ser eu mesmo! — falou Peter, concluindo seu pensamento.

E, simples assim, a cena explodiu em uma confusão barulhenta. Os piratas gritaram a plenos pulmões e correram até Peter, brandindo suas espadas.

Com a facilidade de quem já tinha feito isso muitas vezes, Peter se abaixou diante de um pirata que se aproximava, fazendo com que o homem colidisse com outro pirata que vinha do lado oposto. O garoto mal usou a espada que segurava, pois pulava como um brincalhão alegre enquanto os corsários desajeitados tentavam alcançá-lo — e falhavam. Tinker Bell juntou-se à briga, piscando como um vaga-lume e distraindo os gatunos com seu brilho. Enquanto alguns a perseguiam, Peter perseguia outros. Embora a luta parecesse tensa, Peter sorria enquanto derrubava os piratas um por um.

Passando por um pirata, Pan de repente se viu cara a cara com a ponta do arpão de Billy Jukes. Sem parar, saltou sobre ele e correu ao longo da grande arma. Então pulou nos ombros de Jukes e puxou o grande pirata para o chão.

Peter riu. Aquilo era mamão com açúcar.

No mesmo instante, de canto do olho, viu uma espada apontada para si cortando o ar. Passando de raspão por ele, atingiu o urso de Miguel, cortando um dos braços do bicho de pelúcia.

— Não! — chorou Miguel ao ver o braço do ursinho tombar pela rocha e desaparecer na água.

Peter se virou, com energia renovada depois de ver um urso indefeso ferido, e cuidou do último dos piratas. Girando sua espada, olhou ao redor, satisfeito. Ao seu lado, Tinker Bell bocejou, como se tudo aquilo não tivesse passado de uma simples diversão rotineira.

Todavia, restava mais uma pessoa a enfrentar: Gancho. O pirata estava em seu navio, encarando Peter, que estava sobre uma rocha, a curta distância. Por um momento, os inimigos permaneceram imóveis, presos em uma antiga batalha.

— Capitão Gancho — falou Peter, como se não tivesse acabado de colocar sozinho toda a tripulação em seus devidos lugares. — Sua aparência já viu dias melhores, velhote. Tem certeza de que não estaria mais feliz se voltasse para a cama?

Gancho sacudiu a cabeça.

— Hoje não, menino. Acordei esta manhã com uma música em meu coração. Sabe como era o refrão? — Ele esperou Peter responder, mas o menino só deu de ombros. — *Hoje Peter Pan vai morrer!* — cantarolou.

Peter não pareceu nada impressionado. Não era nada que ele já não tivesse ouvido antes. Um tédio que só. Era hora de agir.

— Homem perverso e sinistro — falou o garoto —, prepare-se para encontrar seu fim!

— Jovem orgulhoso e insolente — rebateu Gancho —, ataque-me se for capaz!

Tanto o pirata quanto o garoto desembainharam suas espadas e então, em um movimento que parecia tão coreografado e bem ensaiado quanto um número de dança, eles pularam no ar. Suas espadas mergulharam e se encontraram com um tinido e um clarão de faíscas, fazendo um X de metal entre os dois.

O duelo tinha começado.



De pé na saliência que dava para a enseada da Pedra da Caveira, Wendy fumegava. Estava cansada disso. Ela e os outros tinham visto a coisa toda se desenrolar E a rincí io a laudiu com o resto dos Meninos Perdidos quando Peter apareceu e começou a derrotar os piratas. Mas quando ele não fez nada para ajudar Miguel — ou seu pobre urso ferido — Wendy finalmente parou de curtir o espetáculo e se cansou.

— Por que não os salva de uma vez? — perguntou, apontando para os irmãos. A maré começou a subir, e ela engoliu em seco, nervosa. Os garotos estavam em perigo! — Ele pode enfrentar Gancho depois!

— Poderia — responderam as gêmeas juntas, e então deram de ombros. — Mas não vai.

Curly assentiu, concordando.

— Gancho sempre vem em primeiro lugar.

Dando um passo à frente, Tigrinha colocou uma mão sobre o ombro de Wendy, que se virou. Elas trocaram um olhar de compreensão.

— Siga-me — propôs Tigrinha.

Wendy olhou mais uma vez para Peter e depois para seus irmãos. Peter estava levando Gancho para todos os cantos da caverna, parecendo alheio ao perigo que João e Miguel enfrentavam. Wendy franziu o cenho ao ouvir os dois se atacando verbalmente.

— Eis a história de sua ruína, menino — falou Gancho. — Você nunca envelhecerá, mas também nunca ficará mais forte.

Peter riu.

— Não vejo problema em ser mais fraco se isso significa que não serei infeliz

como você. Aposto que chora para dormir à noite, esperando o *tique-taque-tique-taque* na sua cabeça parar.

Wendy balançou a cabeça. Peter podia fingir que tudo isso era uma brincadeira, mas ela precisava salvar os irmãos. Respirando fundo, seguiu Tigrinha pela face rochosa em direção aos duelistas. As beiradas da rocha eram escarpadas e traiçoeiras. Wendy se movia com cuidado e devagar, imitando os movimentos mais experientes de Tigrinha. De mão em mão, centímetro por centímetro, elas desceram.

Finalmente chegando lá embaixo, Wendy soltou um suspiro trêmulo. Uma parte de si queria afundar no chão e fazer uma pausa. Mas Tigrinha já estava pulando de uma pedra para outra, com o olhar focado em Miguel e João. Wendy respirou fundo e seguiu em frente.

A princípio, a distância entre as rochas e as ondas quebrando abaixo fez Wendy diminuir a velocidade da descida. Mas, ao ver os rostos assustados dos irmãos e a maré subindo constantemente, sentiu-se estimulada. Fingindo que estava jogando amarelinha, Wendy foi mais depressa, alcançando Tigrinha. Quando chegaram ao afloramento no centro, suspirou de alívio. Conseguiram. Agora só precisavam libertar seus irmãos.

— João! Miguel! — Wendy correu até os meninos e tentou abraçá-los. Infelizmente, a água já estava batendo no peito dos dois.

— Wendy! — exclamaram, claramente felizes em vê-la.

— Olhe o que fizeram com o Sr. Urso! — acrescentou Miguel, segurando o ursinho mutilado.

Wendy olhou para o ursinho e fez uma cara de preocupada, em empatia, depois levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio. Não poderiam se dar ao luxo de chamar a atenção. Enquanto Wendy tentava acalmar seus irmãos, Tigrinha tentava serrar as correntes. Sem sucesso. Eram grossas e estavam muito enferrujadas de tão velhas.

Ouvindo um tilintar familiar, Wendy olhou para cima.

— Tinker Bell!

A fadinha tinha ouvido Tigrinha e se afastou de Peter para ver o que estava acontecendo.

— Pode nos ajudar?

O badalo de Tinker Bell foi um “sim” indiscutível.

Wendy suspirou de alívio enquanto a fada avaliava a situação. Voou ao redor dos meninos, examinando atentamente as correntes. Então, localizando o cadeado, ela sorriu. Alcançando o buraco da fechadura com a mão pequenina, ela balançou o braço. O cadeado se encheu de pó mágico. Assim que a coisa toda ficou de um dourado brilhante, Tinker Bell cerrou os dentes e se inclinou

em direção à fechadura. Lentamente, ela começou a dobrar e então, com um estalo alto, se abriu. Os meninos — e o urso — estavam livres!

— Isso! — comemorou Wendy, esquecendo sua própria regra de ficar quieta.

Ao ouvir o grito, Peter finalmente viu Wendy e Tigrinha.

— Wendy — chamou ele. — Você ainda está viva!

Infelizmente, Wendy não teve tempo de salientar que, de fato, estava viva o tempo todo e Peter simplesmente não percebeu porque estava envolvido demais em sua luta. Pois, naquele momento, Gancho agarrou a sombra de Peter enquanto o menino estava distraído e deu um puxão forte. Peter caiu no chão. Antes que pudesse fugir, o capitão levantou o pé bem alto e pisou forte, prendendo Peter na margem rochosa.

— Rá! — gritou com alegria. — Te peguei! Eu te derrotei! — Tinker Bell se apressou no voo para ajudar Peter, mas, quando Gancho pressionou a lâmina contra a garganta de Peter, ela parou, suspensa no ar. — Nem pense nisso, fada.

— Quanta malcriação, Capitão Gancho — disse Peter com a voz calma apesar da espada contra seu pescoço.

Gancho riu.

— Aprendi com você, Pan — retorquiu o pirata.

— Não se gabe, velhote — respondeu Peter. — Você sempre foi podre. Não passa de um bacalhau… fedorento e estragado.

Por apenas um breve lampejo, Gancho parecia um garotinho com sentimentos feridos. Observando de uma distância segura, Wendy viu a expressão que tomou conta de seu rosto por um instante. *Quantas vezes eles tiveram essa conversa?*, perguntou-se. *Quantas vezes Peter disse aquelas mesmas palavras?* Antes que pudesse imaginar mais alguma coisa, a expressão sumiu do rosto de Gancho e a carranca de sempre retomou seu posto.

— É a última vez que você me atinge no coração com suas palavras, moleque — falou Gancho. — Por fim, pagarei na mesma moeda com a minha espada.

Gancho ergueu sua arma.

— Ataque-me, então — desdenhou Peter, com um semblante de bravura. — Se tiver coragem, acerte sem errar. Pois morrer…

— Seria uma aventura incrível — terminou Gancho, retraindo a espada.

Wendy semicerrou os olhos. Será que estava certa? Gancho sabia exatamente o que Peter diria.

— Pare! — gritou.

Sua voz ecoou nas paredes da caverna, parecendo que cem Wendys tinham pedido uma parada. Funcionou. Gancho baixou ligeiramente a espada e olhou para Wendy, forçando a vista.

— Quem é você? — perguntou. — Nunca te vi antes.

Wendy engoliu em seco. Não tinha um plano bem bolado quando gritou por impulso. Só queria impedir que Peter se machucasse. Mas agora todos olhavam para ela.

— Eu… bem… sabe, eu…

— Ela é uma Wendy! — explicou Curly, gritando lá de baixo.

Gancho pareceu confuso.

— Wendy? O que é uma Wendy?

— *Eu* sou uma Wendy — respondeu, com a coragem renovada pelas palavras de Curly. — Wendy Moira Angela Darling. Sou de Londres, Inglaterra, onde cavalheiros não atacam crianças.

Gancho debochou.

— Bem, e eu sou…

— Capitão Gancho — Wendy terminou por ele, nada impressionada. — Eu sei.

— E nós estamos na…

— Terra do Nunca — disse a menina, mais uma vez interrompendo Gancho.

Frustrado, Gancho persistiu, desta vez falando rapidamente para evitar mais interrupções.

— E… esta criança não é uma criança. E eu não sou um cavalheiro. Então pode se despedir, mocinha, pois não verá mais um mundo com Peter P…

Antes que Gancho pudesse terminar de falar, um *tique* bem alto o fez se calar.

Seus olhos se arregalaram. Suas narinas dilataram.

TAQUE!

Agora Gancho olhou para o chão, nervoso. Aquele tique-taque. Os ruídos vinham de baixo, da própria rocha sobre a qual estava — a rocha sobre qual prendia Peter.

TIQUE! TAQUE!

Ansioso, bateu o pé no chão. Para seu horror, o chão tremeu. Enquanto Gancho e todos os outros observavam, a pedra se ergueu da água, revelando que não era uma pedra, mas um crocodilo monstruoso, espinhoso e repleto de cracas. Gancho foi levantado com a criatura, precariamente empoleirado em sua cabeça.

— Nossa! — João perdeu o fôlego.

— Mas que enorme… — começou Miguel, surpreso.

O crocodilo abriu sua mandíbula imensa. As pernas de Gancho, uma em cada ponta da boca da criatura, começaram a se abrir. O tique-taque ficou mais alto, vindo de dentro das tripas do crocodilo. O rosto de Gancho ficou branco tanto com o som quanto com sua situação.

Quando Gancho parecia prestes a encontrar seu fim, alguém de sua tripulação, Scrimshaw Sam, apareceu em uma rocha próxima. Mirando o arpão, atacou o

bicho. O crocodilo não pareceu nem um pouco perturbado pelos gritos altos de Sam nem por sua arma. Jogando Gancho para o lado, a criatura girou e, com um movimento de sua cauda poderosa, jogou o pirata recém-chegado pelos ares. Enquanto o sujeito gritava de medo, o crocodilo atacou e, com uma única mordida, o devorou.

Enquanto os outros piratas começaram a entrar em pânico, Gancho escalou a parede da caverna. Olhando para trás, viu que o crocodilo, tendo terminado seu aperitivo, estava voltando em sua direção. Smee acenou para ele da frente do túnel, e ele fugiu por aquele caminho.

Vendo sua própria chance de escapar, Peter pulou na rocha com os Darling e Tigrinha.

— Venham! — falou. — Deem as mãos.

Assim que estavam de mãos dadas, Peter decolou no ar, puxando todos consigo, para cima e para cima… até saírem por uma abertura bem no topo da caverna da Pedra da Caveira, passando pelos Meninos Perdidos correndo pelo caminho externo.

Estavam em segurança.

Por ora.

Gancho estava na mesma situação, pois conseguira escapar por pouco das mandíbulas do crocodilo. Alcançou Smee e continuou correndo. Ao seu redor, o restante dos piratas também fugiam. Alguns corriam; outros nadavam. Os sons da cauda do crocodilo se debatendo e mastigando ecoaram pela caverna. Ao ver um bote do lado de fora da entrada da Pedra da Caveira, Gancho não hesitou. Agitando os braços e as pernas chutando, pulou e caiu na água ao lado do bote. Deu impulso para entrar e começou a remar para longe enquanto Smee pulava no barco. O crocodilo continuou os perseguindo. Mas, antes que a criatura conseguisse abocanhar sua presa, Gancho e Smee se esgueiraram por uma fina abertura na face da rocha. O bicho, grande demais para caber, ficou para trás, ainda tentando mordê-los com raiva.

Do topo da Pedra da Caveira, Peter encarou seu inimigo. Wendy, com os olhos fixos em Peter, estava indignada. Havia algo de arrogante na postura do garoto. E, francamente, ela não tinha certeza de que ele merecia estar tão satisfeito consigo mesmo.

Peter virou-se e olhou para o resto deles.

— Bem, isso foi divertido!

Wendy não se conteve: deu-lhe um tapa — forte — no rosto. *Divertido?* Arriscar a vida de seus irmãos tinha sido divertido? Enfrentar espadas e crocodilos assassinos era entretenimento para ele? Ela certamente não pensava igual. Balançando a cabeça em reprovação, a menina lhe deu as costas e seguiu

Tigrinha, que os conduzia para fora da rocha.

Atrás dela, Peter franziu o cenho, colocando a mão na bochecha que ardia.



Algum tempo depois, Peter ainda estava com a mão sobre a bochecha. O grupo havia saído da Pedra da Caveira e se reco-nectado com os Meninos Perdidos e o cavalo de Tigrinha, e agora viajavam pelas terras altas cobertas de grama. Quanto mais se afastavam da costa e da terrível caverna, mais suave tudo se tornava. Isso é, tudo exceto Wendy. Ela ainda estava magoada com Peter, e eles continuaram a discutir o caminho todo.

— Foi uma *aventura*! — argumentou o garoto. — Não era isso o que você queria?

Wendy cerrou os punhos.

— Sim! Mas não imaginei que significaria levar tiros de piratas no céu…

— Ou se afogar — acrescentou João.

— Ou ser mutilado — disse Miguel, segurando seu ursinho que, de fato, estava com uma aparência péssima.

Peter olhou para todos eles e então deu de ombros. Ele parecia não saber o que dizer, o que era ainda mais irritante para Wendy. Ela bufou bem alto. Ao mesmo tempo, Tinker Bell tilintou.

Wendy suspirou de frustração.

— Ah, Tink, o que está dizendo?

— Que eu salvei o dia, foi o que ela disse — respondeu Peter, satisfeito por poder fazer tal tradução.

Tinker Bell arqueou uma sobrancelha, parecendo surpresa, e badalou para dizer mais alguma coisa.

Mas Peter e Wendy já tinham continuado com a discussão.

— *Mais ou menos* — declarou Wendy, agora com os braços cruzados sobre o

peito e o queixo erguido. Ela não voltaria atrás. — Salvou *parte* do dia.

Peter concordou, não percebendo que Wendy estava lhe criticando.

— E fui muito bom no que fiz.

— Claramente — ironizou a menina, revirando os olhos. — Como se você não tivesse precisado de nenhuma ajuda.

— Não precisei mesmo — falou Peter. — Sou Peter Pan. Nunca preciso de ajuda.

Wendy jogou as mãos para o alto. Será que ele não via mesmo que tinha recebido ajuda — e muita? Tigrinha, os Meninos Perdidos, Tinker Bell.

— Você tem uma fada mágica que te faz voar! Acha mesmo que poderia derrotar o Capitão Gancho sozinho?

Peter pareceu ofendido — e um pouco surpreso. Obviamente não estava acostumado a ninguém chamando a atenção dele.

— Sempre o derroto. É assim que funciona. Sempre foi e sempre vai ser assim.

— E se um dia não for? — perguntou Tigrinha de cima de seu enorme cavalo, levantando a questão que estava na ponta da língua de Wendy. Peter lançou a ela um olhar zangado, mas Tigrinha só deu de ombros. A pergunta atingiu em cheio os Meninos Perdidos, que se entreolharam, chocados, e depois se viraram para Peter.

— Isso nunca vai acontecer, vai, Peter? — perguntou Nibs, nervoso.

Peter hesitou, e Wendy se perguntou se ele, talvez, estaria se sentindo desmoralizado com a pergunta. Mas, então, ele só fez um gesto de pouco caso.

— É claro que não. Nada nunca muda na Terra do Nunca. Muito menos eu.

Peter saltou no ar e saiu voando rapidamente até desaparecer de vista. Tinker Bell hesitou, olhando entre Peter e Wendy, mas enfim o seguiu, deixando um rastro de pó mágico por onde passava.

Wendy suspirou. Não fora sua intenção aborrecer Peter. Mas ele era o líder e deveria assumir a responsabilidade pelo que fez — e pelo que não fez. Ela retomou sua caminhada pela grama alta até que a voz de Tootles, bem ao seu lado, a assustou.

— Sabe, o que o Peter disse não é verdade — ele confidenciou, baixinho, olhando para a frente e para trás, como se estivesse nervoso por falar. — Algumas coisas mudam, sim.

— Xiiiu! — chiou Slightly.

— Você não deveria falar sobre essas coisas — acrescentaram as gêmeas.

Confusa, Wendy observou os Meninos Perdidos.

— Sobre o que não deveríamos falar?

Nenhuma das crianças respondeu. Em vez disso, todas apertaram o passo e

correram adiante, ansiosas para deixarem o tópico proibido para trás. Isso é, todas exceto Curly.

Na ponta dos pés, ela sussurrou no ouvido de Wendy:

— Gancho nem sempre foi Gancho.

E então, antes de Wendy sequer começar a entender, Curly saiu correndo, deixando-a sozinha. *O que isso quer dizer?*, perguntou-se enquanto seguia o grupo lentamente. E como iria descobrir?



O Capitão Gancho não estava nada satisfeito. Na verdade, enquanto rastejava para a praia depois de escapar por pouco das mandíbulas do crocodilo comedor de mãos, ele estava exausto e cheio de raiva.

Ao seu redor, os piratas que escaparam da Pedra da Caveira mal estavam se aguentando de pé. Estavam encharcados, com os cabelos pingando e os olhos vermelhos por causa da água salgada, mas haviam sobrevivido — o que era mais do que se podia dizer de alguns membros da tripulação. Cuspindo um jorro de água, Billy Jukes viu o colega Gurley prender o braço do Sr. Urso em um colar e pendurá-lo no pescoço.

Ignorando os outros, Gancho reclamou:

— Nunca mais, sr. Smee! — disse enquanto se equilibrava com dificuldade na areia grossa. — Nunca mais voltarei a ser humilhado dessa forma!

— Um refrão familiar — falou o sr. Smee enquanto torcia o cinto.

Gancho fez uma cara feia, mas ignorou o comentário de seu principal ajudante e mostrou sua manopla.

— Meu gancho está enferrujando! — queixou-se.

— Ora, só está um pouco molhado — respondeu Smee, tentando confortar o capitão agitado.

Mas Gancho não queria saber. Até mesmo a sugestão de um descanso foi recusada. O Capitão não queria nada além de voltar para seu navio. Mas então se lembrou do crocodilo. O monstro estava lá fora em algum lugar, apenas esperando sua chance de atacar.

Quando Gancho compartilhou seu receio com Smee, o homem mais velho anuiu.

— Continua à solta, senhor.

Smee gesticulou para a água batendo nos pés deles. Nenhum crocodilo à vista. Nenhum tique. Nenhum taque. Estava tudo quieto.

— Como o garoto — falou Gancho quando viu que Smee estava certo. — O

dia começou tão bem hoje.

Smee encolheu os ombros. Sua alma boa sempre tentava ver o melhor em cada situação. Ele era o extremo oposto de seu capitão.

— O amanhã sempre chega, senhor — ofereceu Smee.

Gancho sacudiu a cabeça.

— Não! — gritou, assustando os demais piratas, que ainda tentavam recuperar o fôlego e tirar água das botas. — Chega de amanhãs. Vai ser hoje! Esta noite retornaremos ao navio…

— Talvez, Capitão — interrompeu Smee, levantando um dedo. — Se me permite a sugestão…

Gancho o ignorou, pois estava focado no plano que bolava.

— Faremos os preparativos para o ataque…

— O menino… mora em terra firme — acrescentou Smee.

Gancho assentiu e revirou os olhos. Claro que o menino vivia em terra. Ele sabia disso. Que tipo de imbecil Smee achava que ele era? Seu plano brilhante era atacar quando Peter decolasse pela manhã.

— *Em terra firme* — repetiu Smee, sem desistir —, onde estamos neste exato momento.

Gancho parou, interrompendo seu planejamento. Olhou para os pés que, sem dúvida alguma, estavam em terra firme. Molhados, mas ainda assim em terra firme. Olhou de volta para Smee e semicerrou os olhos.

— Prossiga.

O homem engoliu em seco, nervoso. Não estava acostumado a pessoas dando-lhe ouvidos. Mexendo no cinto, tentou colocar em palavras o que estava passando em sua cabeça:

— Bem, é o seguinte… Penso com os meus botões, aqui neste chão sólido em que estamos: onde, em terra firme, o garoto pode estar? — Ao continuar, sentiu-se mais ousado e as palavras vieram mais rapidamente. — E então, bem, tenho pra mim que deve haver uma única pessoa em toda esta ilha que deve saber onde ele mora. Alguém que deve *se lembrar*…

— Quem? — perguntou Gancho, ansioso, esquecendo-se por um momento de ser o pirata sisudo como era conhecido.

Smee parou de brincar com o cinto. Olhou para o capitão por cima dos óculos, como se esperasse que ele descobrisse sozinho. Mas Gancho simplesmente o encarou de volta, sem entender. Enfim, Smee falou:

— Ora, senhor, você. *Você*.

Gancho levantou a cabeça e, lentamente, muito devagar, as engrenagens começaram a girar. Talvez Smee estivesse certo. Talvez houvesse um jeito de encontrar o menino e acabar com aquele joguinho de uma vez por todas.



Tinker Bell conduziu o grupo pela floresta densa, seu pó mágico brilhante iluminava o caminho. Os Meninos Perdidos formaram uma fila atrás dela, seguidos por João e Miguel. Wendy ficou na retaguarda, mantendo um olho afiado em seus irmãos. Enquanto seus passos eram nervosos e inseguros, os Meninos Perdidos avançavam a passos certeiros, claramente familiarizados com o caminho invisível entre as árvores.

O caminho terminou abruptamente em uma parede de pedra coberta de musgo e de um profundo cinza-escuro. Parecia estar lá há centenas de anos. E bem onde o caminho terminava havia uma porta estreita que havia sido esculpida no meio da parede. Sua madeira escura era torta e áspera, a porta era tão antiga quanto a própria parede.

— O que é este lugar? — perguntou João. Wendy se fazia a mesma pergunta.

— Nossa casa — respondeu Curly.

Todas as três crianças Darling inclinaram a cabeça para trás e olharam para cima. Na escuridão, mal conseguiam distinguir a silhueta de uma grande mansão logo atrás do muro. Mesmo na penumbra, Wendy podia dizer que era uma estrutura impressionante. Mais castelo do que casa, tinha uma enorme torre de pedra que chegava até as pontas dos galhos das árvores.

— Vocês moram *aqui*? — perguntou João.

Slightly deu de ombros.

— Quando dá na telha — respondeu.

Com os olhos arregalados, Wendy começou a seguir o grupo pela porta quando percebeu que Tigrinha estava recuando. Era difícil ler a expressão da garota nas sombras escuras. Apenas seu cavalo branco podia ser visto

claramente.

— Você não vem? — indagou Wendy. Ela presumiu que aonde os meninos fossem, Tigrinha também iria.

Mas a moça sacudiu a cabeça.

— Não — respondeu. — Esta é a casa deles. Não a minha. E nem a de vocês, eu acho.

As palavras da garota pegaram Wendy de surpresa. De alguma forma, Tigrinha sentiu o que ela estava pensando, por mais que ela não ousasse falar em voz alta — até então.

— Não sei bem onde é minha casa. Ou onde quero que ela seja.

— Você vai saber — afirmou Tigrinha.

Desmontando do cavalo, Tigrinha esfregou a mão no pescoço imponente do equino e caminhou até Wendy. Sua voz estava séria, mas doce ao começar a falar:

— Da primeira vez que saí sozinha, minha avó veio até mim e me disse: *Sinta o chão sob seus pés, para que seus olhos encontrem as estrelas. Guarde o passado em seu coração, mas saiba que aonde você for a partir daqui só depende de você.*

Wendy seguiu o olhar de Tigrinha até o céu estrelado. As duas meninas ficaram em silêncio. Wendy ouviu o farfalhar dos animais na floresta ali perto e o sussurro baixo do vento passando pelas árvores. A avó de Tigrinha tinha razão. Ao olhar para cima, Wendy sentiu-se centrada. No entanto, ainda não tinha certeza de para onde seu coração queria ir. Pelo menos não ainda.

— Obrigada — disse Wendy enfim, soltando um suspiro. — Por me ajudar hoje.

Tigrinha riu — um som estranho em meio à quietude da floresta.

— *Eles* precisam da minha ajuda — falou, gesticulando para a porta. — Você não. Quando o mundo deles estiver de cabeça para baixo, é você que vai colocá-lo em ordem.

Deixando as palavras misteriosas suspensas no ar, Tigrinha montou de volta no cavalo. A criatura magnífica se inclinou para trás, balançando a cabeça ao relinchar.

— Durma bem, Wendy Moira Angela Darling. Nós nos veremos de novo.

E, com isso, virou-se e galopou noite adentro.

Wendy a observou partir, sua mente a todo vapor. Tanta coisa tinha acontecido no pouco tempo em que estavam na Terra do Nunca. Tigrinha parecia uma amiga, e Wendy não gostava de se despedir. Com um suspiro, olhou pela porta na parede. Ao longe, ouviu o eco de risos e viu um fraco lampejo de luz do fogo.

Embora não tivesse certeza de onde iria parar, por enquanto iria ver o que

estava do outro lado daquela porta. Talvez houvesse uma resposta.



Wendy serpenteou por um longo corredor escuro. A luz escassa que brilhava da porta atrás de si logo desapareceu completamente. Sua respiração acelerou, e ela se moveu cada vez mais depressa pelo corredor, seguindo a fraca luz bruxuleante que vinha de cima.

Wendy nunca foi uma grande fã do escuro. Talvez tivesse ouvido histórias demais. Ou talvez tivesse uma imaginação hiperativa. Mas, para ela, a escuridão sempre representou os monstros que estavam debaixo da cama ou escondidos no armário. Estava começando a parecer assustador demais para o seu gosto, e quando teve certeza de que iria gritar, o corredor terminou.

Quando Wendy chegou ao outro lado, seus medos rapidamente deram lugar à admiração. Ela se viu no espaço mais incrível que já tinha visto: o interior do covil dos Meninos Perdidos. O corredor a levara ao castelo que vira do lado de fora. E era tão incrível no interior quanto no exterior.

A única palavra que Wendy conseguiu encontrar para descrever o lugar foi *grandioso*. Árvores cresciam nas tábuas largas do piso e serpenteavam para dentro e para fora das enormes janelas que emolduravam o salão principal do castelo. O musgo cobria a pedra e vinhas penduradas criavam balanços de corda naturais. No centro, uma escada em espiral subia em direção à torre mais alta, como algo tirado de um conto de fadas, um castelo que o tempo havia esquecido — mas que os Meninos Perdidos transformaram em lar. E com as trepadeiras e árvores e pedras em ruínas para rastejar, era uma espécie de parquinho enorme. Era perfeito para um bando de crianças que não possuíam nenhuma regra a ser seguida além das suas próprias.

Ao ouvir um grito alegre, Wendy ergueu os olhos bem a tempo de ver Tootles deslizar por uma tirolesa improvisada. Caindo no chão bem na frente dela, o garoto sorriu.

— Como encontraram este lugar? — perguntou Wendy.

— Foi Peter — respondeu Tootles. — Ele me trouxe aqui, assim como o resto de nós.

— Assim como ele me trouxe aqui — Wendy assentiu.

— Exatamente — falou Tootles, abrindo ainda mais o sorriso. Gesticulando para que ela o seguisse, Tootles conduziu Wendy para fora do salão principal e por um longo corredor até outra sala enorme. Um fogo crepitava na lareira, aquecendo o espaço e lançando longas sombras nas paredes. Velhos retratos, há

muito desbotados, estavam pendurados nas paredes e, no centro de tudo, estava Peter, presidindo o grupo. Ele se recostou em uma poltrona enorme, com o tecido velho e rasgado, mas ainda assim impressionante. Esquadrinhando o ambiente, Wendy viu seus irmãos. Miguel estava com o misterioso e mascarado Bellweather, que remendava o Sr. Urso, usando uma colher para o braço perdido. Ele o estendeu para Miguel, e o menino mais novo rapidamente abraçou o bicho de pelúcia junto ao peito.

— O Sr. Urso está muito agradecido!

Um indício de sorriso surgiu por baixo da máscara facial que cobria parte do rosto de Bellweather, enquanto João de pronto lhe entregou seu relógio de bolso.

— Acha que pode consertar isso também?

Bellweather pegou o relógio de bolso de João e o virou na mão. O relógio estava quebrado, os ponteiros não se moviam mais. Concentrado, examinou delicadamente a peça de metal. Então olhou para João e assentiu. João sorriu, o alívio inundando seu rosto. Wendy sabia como seu irmão devia estar chateado por causa do relógio. Afinal de contas, o objeto pertencia ao pai deles, que não aceitaria de bom grado se fosse devolvido em nada além de um bom estado. Ela estava feliz que Bellweather podia lhes ajudar.

Desviando o olhar dos irmãos, Wendy notou que o relógio não era a única coisa que precisava de conserto. A sala precisava urgentemente de limpeza. Mas então percebeu que toda aquela bagunça não era aleatória. Restos da infância dos Meninos Perdidos cobriam o chão e as superfícies. Um soldado de chumbo estava deitado no chão perto de uma boneca de pano. Uma velha revista com um navio pirata na capa estava jogada sobre uma mesa. Quando Wendy estendeu a mão para pegá-lo, Curly a deteve.

— Wendy, Wendy! Pode nos contar uma história para dormir agora? — pediu a garotinha.

— Sim! — gritaram as gêmeas. — Histórias para dormir!

— Já esperamos bastante tempo — acrescentou Nibs.

Wendy sorriu e sentou-se próxima à lareira. As crianças correram até ela, empurrando umas às outras para chegarem mais perto. Algumas se sentaram, outras se ajoelharam, mas todas pareciam ansiosas pela história.

— Eu poderia, mas… — disse Wendy, quando todos estavam prontos e esperando. — Eu estava pensando… talvez *Peter* pudesse nos contar uma história primeiro.

Peter olhou para ela, surpreso. Olhou para Tinker Bell, então para Wendy e, enfim, deu de ombros, como se fosse um pedido óbvio e com o qual não se importava.

— Sobre o quê? — perguntou, finalmente.

Wendy escolheu as palavras com cuidado. Desde que Curly tinha mencionado que Gancho nem sempre foi como era agora, ela esperava pela chance de conseguir algumas respostas. Esta parecia a oportunidade perfeita.

— Ah — falou ela, tentando soar o mais casual possível. — Que tal sobre quando você veio para a Terra do Nunca? E como conheceu… o Capitão Gancho.

Peter franziu o cenho.

— Essa é uma história bem curta. É o seguinte: lutei contra o Capitão Gancho num duelo e cortei sua…

Wendy o interrompeu.

— Sim, sim, dessa parte todo mundo sabe. Mas como você o conheceu? Por que começaram a brigar?

Os Meninos Perdidos viravam a cabeça de Peter para Wendy. Eles não entendiam ao certo o que estava acontecendo. Ninguém nunca questionava Peter, e era exatamente isso que Wendy estava fazendo. Havia uma tensão no ambiente que nenhum deles jamais sentira.

— Porque — vociferou Peter — ele é um pirata e eu sou Peter Pan.

Wendy balançou a cabeça.

— Não pode ser tão simples assim — falou ela, pressionando.

— Por que não? — perguntou Peter.

— Porque nada é tão simples assim. — Quando começou, Wendy não conseguiu mais parar. Todas as dúvidas que tinha na mente saíram pela boca. — De onde vocês dois vêm? Onde estão a mãe e o pai dele? E os seus?

Por fim, Peter gritou:

— Ah-rá, aí está a pegadinha! Aqui é a Terra do Nunca, onde *não há* pais nem mães.

O ambiente ficou quieto enquanto as palavras de Peter ecoavam, reverberando pelas paredes e acertando em cheio os Meninos Perdidos. Ele tentou parecer descontraído, mas seu tom fora tão gélido que fez todos se remexerem com desconforto.

— Mas por que não? — Birdie perguntou baixinho, enfim quebrando o silêncio.

— Eu não me lembro da minha mãe — falou Slightly.

— Bem, agora você não precisa mais. Wendy pode ser nossa mãe! — sugeriu Curly.

— Ah, sim! Você pode, Wendy? — perguntou Nibs.

Wendy foi tomada por uma onda de culpa. Não fora sua intenção magoar os Meninos Perdidos; só queria saber mais sobre Peter.

— Ah, minha nossa, não! — respondeu, tentando ser gentil. — Nem sei se

quero ser mãe um dia.

Os Meninos Perdidos não esconderam a tristeza que tomou conta deles, e Wendy emendou, tentando não afundar o navio:

— Mas ainda tenho uma mãe, assim como todos vocês também têm em algum lugar do mundo. E tenho certeza de que elas os amam e… sentem saudades.

Wendy foi baixando a voz até ficar muda, e então sentiu o olhar de ódio de Peter sobre si. Será que tinha ido longe demais?

— Eu não me importaria de ver minha mãe de novo… — declarou Tootles.

Peter se levantou, de punhos cerrados na cintura.

— Se importaria, sim! — gritou. — Porque ver sua mãe outra vez significaria voltar ao mundo real, o que significaria crescer!

Ele calou a boca ao perceber o que tinha dito — a porta que tinha acabado de abrir. Os Meninos Perdidos se entreolharam. Nunca tinham considerado tal possibilidade antes.

— Nós *poderíamos* voltar? — perguntou Nibs a Wendy. — Se quiséssemos?

— É, poderíamos? — repetiu Birdie. Era impossível não ouvir a esperança em sua voz.

— Claro — rosnou Peter antes que Wendy pudesse responder. — Se quiser terminar como o Gancho.

Enquanto falava, Peter olhava feio para Wendy. A garota arruinou o que deveria ter sido uma comemoração. Ele derrotou os piratas e salvou o dia — de novo. E em vez de ouvir uma história e ter uma noite adorável, eles estavam falando sobre crescer. Como odiava isso!

Com uma bufada, Peter voou para fora da sala, desaparecendo de vista. Um momento depois, ouviu-se um baque alto quando, em algum lugar acima deles, Peter bateu a porta.

Um silêncio desconfortável se abateu sobre a sala. Até Wendy se remexeu. Sabia que era parte do problema. Wendy e Peter eram os mais velhos ali. Deveriam servir de modelos. Mas Peter estava agindo como uma criança mimada. Até Tinker Bell parecia pensar assim, porque embora seu olhar tivesse seguido Peter enquanto ele fugia da sala, dessa vez a fada não foi atrás dele.

Os Meninos Perdidos pareciam — e provavelmente se sentiam — da mesma forma que Wendy se sentia quando ouvia os pais brigando.

— Poxa vida — ela, enfim, suspirou.

Slightly franziu o cenho.

— Nunca é um bom sinal quando Peter sai batendo a porta.

— Desculpa ter pedido uma história — acrescentou Curly, chutando o chão.

Wendy olhou a expressão triste nos rostos dos Meninos Perdidos.

— Nada disso — falou. — Não foi culpa sua. Que tal… — Ela parou,

tentando pensar em algo que pudesse fazer para compensar a cena que as crianças tinham acabado de presenciar. De repente, teve uma ideia. — Que tal se eu cantar uma música, então? Esta é a canção que minha mãe canta para mim e meus irmãos às vezes…

E, assim, Wendy começou a cantar, suavemente no início, mas sua voz se fortaleceu ao ver o deslumbramento e depois a felicidade que inundou o rosto das crianças.

Linda, e um pouco agridoce, como as canções de ninar às vezes eram, a música percorria o ambiente e subia as escadas. Em seu quarto, Peter ouviu a melodia e sentiu uma agitação em seu coração que não sentia há séculos. Com raiva, ele a ignorou.

Sem saber, Wendy continuou cantando, feliz por trazer um pouco de alegria de infância para os Meninos Perdidos. E à medida que sua felicidade crescia, a música ficava ainda mais alta, flutuando pelas janelas quebradas do castelo e ecoando por cima das árvores na escuridão da noite…



Liderando sua tripulação pela mesma floresta, o Capitão Gancho estava ocupado pensando em todas as maneiras pelas quais finalmente iria acabar com Peter e seu bando irritante. Mas seus pensamentos foram subitamente interrompidos pelo som bem fraco de uma música.

— Estão ouvindo? — perguntou Gancho. Parou de andar e apurou os ouvidos, escutando com atenção. Ao seu redor, a tripulação fez o mesmo, pegando a melodia no ar. Alguns começaram a sorrir enquanto a música fazia cócegas em seus corações. Alguns até tentaram cantarolar a melodia. De todos eles, porém, Gancho parecia o mais perdido na canção.

A expressão em seu rosto suavizou.

— O que é isso?

— Morcegos que se alimentam de frutas — falou Smee, que não estava com sua trombeta e não ouvia o que os outros diziam. — São bastante comuns nesta época do ano…

Gancho balançou a cabeça, impaciente.

— Não, isso não! — respondeu, bravo. — Escute. Consegue ouvir?

Smee pegou um pedaço de pano, enfiou na orelha e o torceu lá dentro. Com o ouvido limpo — ou melhor, mais limpo do que antes, pelo menos — Smee prestou atenção novamente. A música suave chegou até ele, fazendo-o sorrir como os demais.

— Ah, isso! Sim — respondeu. — Não sei o que é isso, não.

— Acho que já ouvi algo assim antes — falou Gancho, quase melancólico. Tinha um olhar sonhador e distante; quase como se algo estivesse vibrando alegremente em seu estômago. Era uma sensação muito inquietante.

— Onde? — perguntou Smee, percebendo que seu capitão parecia desnorteado.

— Faz tanto tempo que não me lembro — admitiu Gancho. — Gostaria de me lembrar, mas não consigo. Mas sinto que, talvez, era algo bom… algo certo…

— Um sonho, quem sabe? — sugeriu Smee.

— Deve ter sido. E ainda assim… — Gancho parou de falar enquanto a melodia continuava a ecoar pela floresta. Por um longo momento, todos os piratas ficaram parados ali, perdidos nos sentimentos estranhos que os dominavam. A música tocou em cada um deles numa parte que achavam estar há muito perdida. Que parte era, nenhum deles saberia dizer. Mas ninguém queria que o momento acabasse.

Quando as últimas notas foram desaparecendo, Gancho balançou a cabeça, como se estivesse despertando de um sonho. E entendeu o que a música significava para si.

— É *isso* que o menino tem escondido de mim — falou, com um aperto na garganta.

— Cantoria? — perguntou Smee.

— Não — respondeu Gancho. Com a voz falhando de tanta emoção, ele emendou uma única palavra: — Alegria.



Dentro do castelo, Wendy parou de cantar. Uma a uma, todas as crianças adormeceram, embaladas na terra dos sonhos pela música suave de Wendy. Seus olhos se fecharam, sua respiração se acalmou e logo a sala ficou em silêncio, exceto por um ocasional ronco sutil ou uma palavra murmurada.

Olhando para cima, Wendy viu que a única que ainda estava acordada era Tinker Bell. A pequena fada foi até ela e tilintou suavemente. Wendy se esforçou, como sempre, para entender o que Tinker Bell estava dizendo.

— Queria poder te entender, Tinker Bell — falou, entristecida. A fadinha assentiu como resposta. Havia tanto que Tink poderia contar a Wendy. A menina acreditava que a fada tinha muito a dizer… sobre a Terra do Nunca, sobre Peter. — Acho que Peter também não te entende, não é? Ou ao menos ele não lhe dá ouvidos.

Tinker Bell confirmou o que Wendy dizia com um aceno de cabeça. Parecia doer para ela admitir que o garoto que ambas admiravam não ouvia tão bem quanto podia. Mas as duas sabiam que era verdade. Peter era Peter. Ele ouvia a si mesmo — e só.

— Bem, o azar é dele — falou Wendy —, não seu. Aposto que você tem coisas maravilhosas a dizer.

A fadinha assentiu, feliz, e, pela primeira vez desde que se conheceram, Wendy sentiu que estavam chegando a um entendimento — talvez até uma espécie de amizade. Tinker Bell parecia estar avaliando uma ideia e, enfim, gesticulou para que Wendy a seguisse. A fadinha a levou escadas acima e, espalhando pó mágico enquanto a menina subia, iluminou o caminho.

Ao chegarem ao topo, depararam-se com uma grande porta de madeira. Esculpidas nas tábuas estavam as palavras QUARTO DE PETER. Wendy sorriu. Tinham sido escritas com a caligrafia de um menino, as letras grandes e trêmulas. Olhando mais de perto, Wendy notou que havia outra palavra escrita abaixo do nome de Peter. Era outro nome. Ou pelo menos costumava ser um nome. Agora estava coberto de arranhões profundos que o tornaram quase ilegível. Mas Wendy conseguiu ler.

— James? — Leu em voz alta, e então olhou para Tinker Bell. — Quem é…?

Girando o pulso, Tinker Bell pintou uma figura no ar com poeira dourada. Wendy arfou de susto quando a imagem ficou clara: era um gancho.

— Ah… — murmurou enquanto todas as peças se encaixavam. Curly havia mencionado que Gancho nem sempre tinha sido como era atualmente. Mas agora Wendy compreendia que a verdade ia além: era uma vez, Gancho e Peter tinham sido amigos.

Respirando fundo, Wendy abriu a porta e entrou em um sótão enorme. Parte do telhado tinha desabado, revelando uma vista de tirar o fôlego da Terra do Nunca. A outra metade do cômodo estava decorada com uma variedade de móveis, todos gastos e quebrados. Mas, apesar de sua condição, os itens eram inconfundíveis. Este lugar um dia foi um quarto de crianças.

Do outro lado do quarto, perto de onde o telhado desabara, Peter estava sentado de costas para a porta. Wendy olhou para Tinker Bell. Não tinha certeza do que deveria fazer a seguir. Deveria falar com ele? Ou ir embora? Acenando, Tinker Bell sinalizou para ela acatar a primeira das alternativas. Wendy então se aproximou do menino, devagar. Ele estava brincando com algo em suas mãos, mas parou quando a menina apareceu.

— O que você tem aí? — perguntou ela, baixinho.

Peter mostrou uma noz. Ele a prendera num pedaço de cordão para fazer de colar.

— É um beijo — respondeu o menino, triste. — Eu ia te dar, para que nós dois tivéssemos um.

— Obrigada — falou Wendy, pegando o colar. Ela o colocou no pescoço e sorriu. Foi doce da parte dele, ainda que suas outras atitudes até aqui tivessem

sido errôneas.

— Pensei de verdade que você seria feliz aqui — disse ele, enfim olhando de volta para ela.

— Eu também — admitiu Wendy. A Terra do Nunca era para ser a resposta a todos seus problemas, uma forma de evitar sua casa e seu futuro, mas agora que estava lá… — Não é bem o que eu esperava. É muito mais… real.

Peter pareceu surpreso.

— É claro que é real — falou ele. — Só é um real diferente. Melhor.

Wendy sabia que o garoto acreditava no que estava dizendo. Mas lutar o tempo todo poderia mesmo ser melhor do que sua vida "real"? Especialmente quando a pessoa com quem está brigando nem sempre foi um inimigo declarado? Pensando nos nomes gravados na porta, não pôde deixar de perguntar:

— O Capitão Gancho era seu amigo, não era?

Peter reagiu abruptamente.

— Quem te disse isso?

Wendy ficou vermelha.

— Ninguém! Eu só…

— Ele era meu *melhor* amigo — ele falou, corrigindo a suposição inicial. — Fugimos de casa juntos e, quando encontramos este lugar, juramos nunca voltar, independentemente do que acontecesse. Fizemos uma promessa… e ele a quebrou.

O rosto de Peter estava inundado de emoções enquanto ele falava. A pergunta de Wendy abriu uma barreira, e tudo aquilo em que ele evitava pensar há tanto tempo voltou como uma forte correnteza. O menino estava se escondendo de seu passado e de suas emoções por muito, muito tempo, e agora tinha que enfrentar a maior traição de sua vida novamente.

Wendy percebia que a dor era intensa. Ainda assim, queria saber mais.

— Como? — perguntou.

— Ele foi embora — falou Peter. — Certa manhã, ele velejou sem dizer nada. Me deixou sozinho aqui. E quando voltou, eu sabia que o amigo que eu conhecia não estava mais lá. Ele tinha se tornado cruel. Mau.

O tom de Peter a fez se lembrar dos irmãos quando contavam uma história para os pais. Havia um toque de exagero em tudo que tornava um pouco difícil acreditar, embora houvesse migalhas de verdade.

— Tem certeza, Peter? — perguntou Wendy. — Ou ele só tinha crescido?

Peter ficou perplexo.

— E qual é a diferença?

Wendy sabia que era melhor não pressionar. Olhando para fora, para a

vastidão da Terra do Nunca, ela esperou um momento e perguntou, baixinho:

— Você não acha… já parou para pensar se você poderia ser mais do que é agora?

Ao falar, Wendy pensou na mãe e no pai, querendo que ela seguisse com a vida, e sentiu uma pontada de culpa. A raiva tinha surgido como uma resposta tão instintiva quando eles fizeram a proposta. Mas agora…

— Não — respondeu Peter. — Eu sou assim, e é tudo o que há.

— Por que não vem ser assim em Londres, então? — sugeriu Wendy. — Com a gente?

Peter não hesitou.

— Se eu fizesse isso, seria apenas mais um menino.

— Por algum tempo — admitiu Wendy.

— E depois eu morreria.

Wendy não pôde deixar de rir da resposta superdramática. Peter era muito como seus irmãos: inclinado ao exagero e com teimosia para dar e vender.

— Bem, aposto que muito mais aconteceria nesse meio-tempo — falou ela. — Pense em… em todas as coisas que podem estar bem na esquina e que você está perdendo. — Esperou mais um instante e então acrescentou: — E imagine o tanto que o mundo perderia se você não estiver lá para fazer essas coisas.

Wendy o deixou absorver suas palavras, tanto para o bem do próprio Peter quanto para o dela. Percebeu que, de certa forma, também estava fazendo esse discurso para si mesma. Crescer era inevitável. Mas não precisava ser horrível.

Levantando-se, Wendy olhou para Peter uma última vez. Ele se recusou a encará-la nos olhos, e ela sabia que havia o pressionado o suficiente por uma noite. Poderia ficar, tentar falar mais com ele. Mas pensou na própria mãe, tentando fazê-la ver como sair do próprio berçário era o certo a fazer. Às vezes, não importa quanto amor há por trás da mensagem, as pessoas simplesmente não estão dispostas a ouvir. Peter precisava de tempo para pensar. E Wendy daria esse respiro a ele, assim como sua mãe havia feito com ela.

— Boa noite, Peter — disse, e então se virou e saiu do quarto dele.

Ela estava perdida em pensamentos enquanto descia a longa escada e, a princípio, não percebeu que o covil parecia mais escuro, mais silencioso. A respiração regular das crianças tinha sumido, fora substituída pelo silêncio, e as velas foram todas apagadas. Quando chegou ao pé da escada, seus olhos finalmente se ajustaram à escuridão, e ela levou um susto.

As crianças estavam todas amarradas e amordaçadas, capturadas por piratas. E então, da escuridão, ouviu uma voz familiar.

— Wendy. Moira. Angela. Darling. A cantorazinha de Londres, na Inglaterra. Sua voz me lembrou de casa.

Gancho saiu das sombras e sorriu perversamente para ela.

Wendy abriu a boca para gritar, mas antes que pudesse, uma grande mão surgiu na frente de seu rosto, abafando o som.

Eles foram pegos. Peter estava sozinho — e despreparado para a batalha que estava por vir.



No sótão, Peter olhou para o beijo de dedal em sua mão. A conversa com Wendy se repetia em sua cabeça. Pela primeira vez em muito tempo estava questionando tudo: a Terra do Nunca, Gancho, si mesmo. E não gostou nem um pouco da sensação. Ouvindo um sininho familiar, levantou a cabeça e viu Tinker Bell. Ela o observava silenciosamente desde que Wendy partira, mas agora tilintava novamente. Peter franziu a testa. Sua mensagem era clara. Wendy estava certa, Tinker Bell estava lhe dizendo. E talvez estivesse mesmo. Mas ele não precisava gostar disso.

Levantando-se, deu uma última olhada para o dedal, seu primeiro beijo, e então fechou o punho ao redor dele. Wendy podia dizer o que quisesse, mas ele ia ficar aqui. Esta era sua casa. E não estava pronto para deixá-la — ou para crescer. Foi até a porta e estava prestes a abri-la quando, por acaso, olhou para baixo. Havia uma sombra do outro lado.

Instantaneamente, Peter voou para as vigas e se escondeu nas sombras. Tinker Bell fez o mesmo.

A porta se abriu e o Capitão Gancho irrompeu para dentro.

— Te peguei!

Mas não havia ninguém ali. Gancho passou o olhar pelos móveis, que pareciam vagamente familiares. Sem ver Peter, abaixou a espada.

— Peter? — chamou pelo quarto. — Onde está você?

Em seu esconderijo, Peter estreitou os olhos. Gancho jamais o havia chamado *somente* pelo primeiro nome. Parecia estranho ouvi-lo agora, no quarto que dividiam quando crianças.

Gancho andava de um lado para outro, passando as mãos distraidamente pelos

brinquedos velhos e os móveis envelhecidos.

— Quantas vezes brincamos de esconde-esconde nesses escombros? — falou, com a voz quase melancólica. — Você sempre foi o melhor em se esconder.

Nas vigas, Peter e Tinker Bell prenderam a respiração. Nenhum dos dois ousou fazer o menor barulho, mas Tinker Bell se mexeu ligeiramente e uma quantidade minúscula de pó mágico flutuou na frente de Gancho. A fada pressionou as mãos sobre a boca. Será que ela os havia entregado? Por via das dúvidas, Peter foi pegar sua espada — e então lembrou-se de que a havia deixado no chão, encostada em uma parede. Não tinha como se defender.

Abaixo, Gancho estreitou os olhos e a expressão mais suave desapareceu. Seu semblante tornou-se cruel novamente quando passou por baixo deles.

— Mas, cabe ressaltar — disse, levantando a espada mais uma vez —, eu sempre fui o melhor em te encontrar.

Com um grito, desferiu um golpe para o alto com a espada bem quando Peter pulou da viga.

Por um longo momento, Peter pareceu estar suspenso no ar bem na frente da espada de Gancho. E então, em um borrão, a arma voou para baixo, talhando um corte cruel no peito de Peter.

Peter arfou e tocou o peito. O choque se transformou em dor quando uma mancha vermelha floresceu em sua túnica verde.

Gancho ficou igualmente surpreso. Não esperava machucar Peter de verdade. Não era assim que suas lutas normalmente aconteciam. Os dois deveriam apenas lutar, para a frente e para trás, como sempre faziam. Mas algo estava diferente. Será que era porque eles estavam no antigo quarto? Ou talvez porque ambos tivessem dado mais atenção ao passado recentemente? Seja qual fosse o motivo, as coisas ficaram muito mais sérias.

Peter cambaleou para trás, chegando perigosamente perto da parte desmoronada do cômodo que dava para fora. Quando ele tirou a mão do ferimento, seu rosto empalideceu. Sua mão estava coberta de sangue.

— Capitão Gancho? — disse, levantando o olhar para encarar o inimigo.

— Sim, Peter? — respondeu Gancho, com os próprios olhos fixos na ferida que tinha causado.

— Acho que não gosto desta aventura… — começou Peter.

Mas então suas pernas fraquejaram e ele caiu para trás da beirada do parapeito, na escuridão abaixo.

Parecia que Peter estava caindo em câmera lenta. Seu corpo tombou pelos galhos da árvore que crescia no chão da sala principal do castelo. Teve a impressão de ter visto o rosto aterrorizado de Wendy e de ter ouvido o sempre tão quieto Bellweather gritar, enquanto se debatiam nos braços dos piratas que os

seguravam.

Tinker Bell disparou numa rajada de brilho pulsante com os olhos fixos no corpo em queda de Peter. Mas antes que pudesse alcançá-lo, foi capturada no ar. Smee a prendeu em seu chapéu. Enquanto a fada chutava e se debatia, o chapéu parecia queimar na mão do pirata. Ficou amarelo, dourado e vermelho. E então Tinker Bell, de coração partido, soltou um grito que ressoou como um milhão de janelas se quebrando.

Um momento depois, Peter, sem ninguém para salvá-lo, caiu no chão. As tábuas do piso, fracas e apodrecidas, partiram-se como palitos de dente, e Peter despencou ainda mais, caindo com um baque na terra fria e dura lá embaixo. Ele ali ficou, imóvel.

Do alto, Gancho olhou para o garoto, uma miríade de emoções cruzando seu rosto envelhecido. Os sinais de sua longa e dura vida tornaram-se mais pronunciados. Sua pele parecia ceder, os vincos em seu rosto se aprofundaram e um olhar cru e amargo encheu seu semblante.

— Consegui — falou. — Matei Peter Pan!

Ele era um homem velho que havia travado sua última batalha.

Mas o que, perguntou-se, aconteceria agora?

Gancho estava sentado em um bote, olhando distraidamente pelas águas agitadas para outro bote, que levava as crianças Darling e os Meninos Perdidos para o *Jolly Roger*. Desde que deixaram o covil, seus pensamentos estavam dispersos, desiguais. Viu Wendy se balançando para a frente e para trás e vários dos Meninos Perdidos chorando abertamente. Sem seu destemido líder, eles estavam perdidos.

— Essas coisinhas deviam brilhar, não é, Capitão? — indagou Smee, interrompendo os pensamentos de Gancho, que se virou e viu seu ajudante observando Tinker Bell, presa em um lampião. — E é o brilho que as faz voar?

Gancho ergueu o objeto e examinou atentamente Tinker Bell. Ela parecia ainda pior que os demais. A perda de Peter teve um impacto físico sobre ela. Seu brilho sumiu e ela parecia ter encolhido. As asas estavam frouxas e não havia uma gota de cor em suas bochechas. Pior ainda, não havia pó mágico flutuando ao redor dela, nenhuma característica mágica.

— Sim — respondeu Gancho. — Ela costumava brilhar muito mais, eu acho. Ou talvez seja só como me lembro dela.

Ele soltou um suspiro pesado.

— Vamos, fadinha — disse Smee, dando uma balançada no lampião. — Faça o Capitão sorrir.

Mas Gancho afastou o objeto.

— Não é ela que me preocupa.

Smee olhou para cima, surpreso.

— Ah, está falando do menino. Mas você o superou, Capitão. Ele morreu!

Era isso que o capitão sempre buscara, não era?

Gancho assentiu.

— E agora que isso aconteceu, há um buraco em meu coração. É errado eu não sentir alegria por sua morte? Nenhuma satisfação?

— Bem, assassinato é coisa séria — respondeu Smee.

Suspirando, Gancho abaixou o olhar para a fada. Por um momento, sentiu-se como ela: despido de cor e de propósito.

— É tão terrivelmente… o fim — falou, mais para si mesmo do que para Smee. — É isso que não te contam. Esses anos todos, achei que me sentiria… contente. Mas agora que está tudo terminado… é possível que eu sinta saudade dele?

Smee não tinha uma boa resposta. Então Gancho deixou seu olhar voltar para a imensidão da Terra do Nunca. Só teria que encontrar outra ocupação para preencher seu tempo. E enquanto seus olhos vagavam pelo mar em direção à terra, eles mais uma vez pousaram sobre o bote com as crianças dentro. Talvez elas fossem a resposta…

Gancho sabia que abaixo do convés do *Jolly Roger*, as crianças estavam amontoadas no brigue úmido. Sentado em seus próprios aposentos, ele as imaginou ali, seus pensamentos tão obscuros quanto o ambiente. Como elas poderiam sentir qualquer coisa que não fosse desesperança? Seu líder estava morto. Elas eram prisioneiras de seu maior inimigo. E não tinham ideia do que aconteceria.

E, para ser honesto, nem Gancho sabia.

Nas primeiras horas da manhã, ele ainda não tinha certeza do que faria a seguir. Folheou distraidamente os papéis em sua mesa, procurando por algo. Em seu lampião, Tinker Bell estava sentada, desamparada, sua expressão tão triste quanto ele imaginava a das crianças.

Perto de um armário, Smee resmungava consigo mesmo enquanto remexia em várias garrafas. Enfim encontrou o que estava procurando e virou-se com uma

grande garrafa antiga na mão. O rótulo estava desbotado, mas parecia ser em francês, e a rolha enorme estava suja com o tempo. Ainda assim, Smee parecia satisfeito.

— É aquela hora da manhã em que eu esquento a chaleira, mas… — Ele observou o olhar triste no rosto do capitão e suspirou. — Guardei esta bebida finíssima durante todos esses anos para comemorar sua vitória, quando ela enfim chegasse. E agora que isso tudo ficou para trás…

Sacou a rolha com um estouro e o líquido transbordou do topo da garrafa. Então aguardou, esperançoso. O capitão só precisava ver o lado bom de tudo isso. E então tudo poderia voltar a ser como era antes. Quem sabe…

De repente, Gancho se endireitou. Olhou para o local onde Smee estava, sem nem parecer notar a tentativa de seu ajudante de deixá-lo feliz.

— Minha lista — exclamou vagamente. — Onde está minha lista?

— Que lista? — perguntou Smee.

— Minha primeira lista! — disse Gancho, como se fosse óbvio. — Aquela que escrevi há anos. De tudo que eu queria fazer ao voltar para a Terra do Nunca…

— Ah! — falou Smee. — *Aquela* lista.

Gancho se levantou e começou a vasculhar seus aposentos, puxando gavetas e abrindo as portas. Então se abaixou e olhou embaixo da cama. Ele gritou triunfante enquanto recuperava um velho pergaminho empoeirado. Ao desenrolá-lo, viu que havia apenas uma linha escrita no papel. MATAR PETER PAN. Pelo que se lembrava, havia mais.

Smee se aproximou do capitão e olhou para o papel.

— Bem, essas três palavras de fato carregam o peso de um manifesto mais longo — comentou. — Mas é tudo passado agora.

Gancho suspirou. Não *parecia* passado. Na verdade, parecia mesmo o presente. O pirata olhou para a fada em sua prisão improvisada.

— O que acha, Tink? *Você* estava lá no começo de tudo. Precisava mesmo acabar assim?

Tink balançou a cabeça em negativa.

— Não sei se devo acreditar em você ou não... — A fada sempre foi a melhor amiga e a maior fã de Peter, nunca a dele. Ainda assim… será que tinha razão?

— Capitão? — Smee o chamou, cautelosamente. — Você se lembra do que me disse quando estávamos na floresta? Quando ouviu a menina cantando? A maneira como se sentiu?

Gancho semicerrou os olhos.

— O que eu disse?

— Uma só palavra… uma palavra que lhe faria bem agora…

Intrigado, Gancho se inclinou e esperou que Smee continuasse. O que aquele velho estava tramando? E será que estava certo? Será que algo poderia fazê-lo se sentir melhor depois disso tudo?



— **O** que vai acontecer com a gente?

Miguel estava sentado ao lado do resto das crianças no brigue úmido e escuro do *Jolly Roger*. Conseguiam ver uns aos outros graças à luz pálida que se infiltrava pelas rachaduras do convés. Mas os ânimos estavam tão sombrios quanto a própria cabine.

— Só rezem para não sermos presos na quilha do navio e arrastados pela água — falou Curly, tentando animar os demais, sem sucesso.

— O que é "quilha"? — perguntou João, enfiando as mãos mais fundo nos bolsos.

— Você não quer saber — respondeu Curly.

Birdie, que parecia mais frágil e amedrontada do que de costume, olhou para Curly e franziu o cenho.

— Como você sabe o que é "quilha"?

Curly deu de ombros.

— Li num livro.

Wendy sentou-se, ouvindo as crianças. Sabia que todos estavam com medo. E por que não estariam? Eles não tinham ideia do que iria acontecer ou de como poderiam escapar da atual situação — ou se sequer conseguiriam.

De repente, a escotilha do brigue se abriu e Gancho apareceu. Ele desceu as escadas seguido de perto por Smee, que trazia Tinker Bell no lampião. As crianças se encolheram contra a parede oposta, e algumas soltaram murmúrios assustados.

Caminhando até as crianças, Gancho acenou com a mão no ar.

— Acalmem-se — falou, os olhos fixos em Wendy. — Só quero ter uma

palavrinha com você.

Wendy não queria nada com Gancho. Peter podia ser cabeça quente e teimoso, até um pouco descuidado, mas as crianças o amavam. E Gancho o havia tirado delas. Ela preferia apodrecer na cela a falar com ele.

— Não tenho nada para falar com você — ela rebateu.

— Então me escute — respondeu Gancho.

E então cantarolou uma melodia. A princípio, foi difícil reconhecê-la, mas, aos poucos, ela foi se mostrando familiar. Era a mesma música que Wendy tinha cantado para os Meninos Perdidos no covil antes de tudo ir por água abaixo.

— O que é isso? — questionou o capitão quando terminou.

— Isso? — disse Wendy. — É só… só uma canção de ninar…

Gancho ignorou a resposta vaga.

— Ela me lembra de alguma coisa. De onde ela veio?

— Eu…

— Responda! Por que ela me deixa assim?

Wendy ficou surpresa ao ver angústia e incerteza nos olhos de Gancho. O homem sempre pareceu tão zangado, tão perigoso. Mas agora parecia uma criança cujo ursinho lhe fora tirado. Para sua surpresa, a menina sentiu uma pontada de compaixão.

— Não sei dizer. É só… é algo que às vezes minha mãe canta para a gente…

— Sua quem? — indagou o Capitão Gancho.

— Minha mãe — repetiu Wendy, surpresa que a palavra fosse estranha a Gancho. Fazia tanto tempo assim que ele tinha ido embora a ponto de se esquecer do que era uma mãe? Não era de se estranhar que ele era tão frio e sem coração, sem o amor e o apoio maternal para guiá-lo, sem suas músicas para acalmá-lo.

De repente, Gancho pareceu perdido em memórias.

— É claro.

Percebendo que tinha uma pequena abertura para se aproveitar de qualquer decência que restasse àquele homem, Wendy arriscou:

— Sei que você nem sempre foi assim, Capitão Gancho — disse, baixinho. — Sei que você e Peter já foram amigos. Ouvi as histórias.

Gancho se aproximou.

— Ah, ouviu? E o que acontece nessas histórias?

Wendy engoliu em seco, nervosa. Olhou para os Meninos Perdidos em busca de incentivo. Eles assentiram para que ela continuasse.

— Você… você foi embora da Terra do Nunca. E, quando voltou, tinha virado uma pessoa…

— Cruel? — completou Gancho.

Wendy assentiu.

— Sim.

— Hmmm — murmurou Gancho, não tão chateado com a descrição como Wendy esperara. — É verdade, em partes. Mas ele deixou de lado a parte mais importante. Eu não *fui embora* da Terra do Nunca…

Wendy não precisou que ele concluísse. Sabia o que ele iria dizer. Desde que estivera no quarto de Peter, estava juntando os pedaços. Gancho não tinha simplesmente partido…

— Peter te mandou embora — disse Wendy.

Uma onda de dor, misturada com raiva e arrependimento, assolou o rosto do pirata.

— Aí está — ele confirmou. — É este o ponto principal. Aquele que era meu melhor amigo me *baniu*, só porque eu sentia saudades da minha… da minha…

— Da sua mãe? — perguntou Wendy.

— Sim! Sim, da minha mãe, a pessoa que costumava cantar aquela mesma música para mim. É tão terrível assim sentir falta de uma mãe?

Wendy pensou na própria mãe e nas noites no quarto das crianças quando ela cantava para Wendy dormir, as inúmeras vezes que beijou seus dodóis e enxugou suas lágrimas.

— Não. É claro que não — disse a menina.

Num instante, o rosto de Gancho ficou severo de novo e, mais uma vez, ele lembrou o pirata temível que era.

— Diga isso para o seu querido amigo falecido então, porque ele certamente pensava o contrário.

O capitão começou a andar de um lado para o outro na frente de Wendy, suas palavras vindo cada vez mais rápido à medida que as emoções que ele havia enterrado há tanto tempo voltavam à superfície.

— E sabe que, mesmo depois de ter sido expulso, eu nunca cheguei a encontrá-la, nunca cheguei em casa, nunca vi minha doce mamãe de novo. Fui embora da Terra do Nunca e fiquei perdido no mar. Eu teria morrido como náufrago se este homem aqui não tivesse me salvado. — Ele parou e fez um aceno com a cabeça na direção de Smee. — E lá estava eu, salvo e criado por piratas, aprendendo a saquear e a matar. Com o passar do tempo, fizeram de mim seu capitão. E eu, em troca, os trouxe de volta para cá — terminou ele com um rosnado. Reviver aquela época havia reprimido novamente suas emoções mais tenras.

— Mas então por que voltar se Peter te machucou tanto? — perguntou Wendy.

— Porque… ele era meu amigo — falou Gancho depois de um momento. — E eu era feliz aqui.

— Ainda pode ser feliz de novo — respondeu Wendy.

Gancho balançou a cabeça.

— Não. Meu tempo para a alegria já se foi. Dor e medo são tudo o que me resta. Já perdi a oportunidade de fazer todas as coisas que já desejei. Tudo que eu poderia ter sido se resumiu a isto. Isto aqui, Wendy Moira Angela Darling, é o que é crescer.

Wendy olhou para o homem e percebeu que ele realmente acreditava no que estava dizendo. Mas também percebeu, com surpresa, que ela era mais sábia do que aquele pirata amargo e triste.

— Não é, não — disse. — Isso é o que acontece quando você cresce da maneira errada.

A fúria tomou o rosto de Gancho e ele zarpou seu gancho no ar. A menina passara dos limites.

— Encontre uma criança que de fato saiba a diferença entre o certo e o errado, e em troca eu te mostro um homem que se esqueceu de por que essa distinção sequer importava.

Virando-se e marchando até Smee e os demais que estavam esperando ao pé da escada, Gancho gritou:

— Executem todos!

— Mas, Capitão — começou Smee, então parou e recomeçou. — James, você não acha que…

Gancho girou para encarar seu ajudante, a fúria mais uma vez tomando seu rosto.

— Nunca mais me chame assim. Eu sou o Capitão Gancho!

Um momento depois, piratas invadiram o brigue para levar as crianças. Wendy assistiu horrorizada enquanto a sra. Starkey, uma pirata velha e bruta como uma ogra, agarrava o braço de Miguel.

— Este aqui primeiro — desdenhou a pirata. — Ele é o mais fedido.

Lágrimas alfinetaram os olhos de Wendy quando a mulher começou a arrastar seu irmão mais novo para longe. Perto dele, João tentou e falhou em ajudar. Wendy não podia deixar isso acontecer. Peter não estava lá para salvá-los, mas ela tinha que pelo menos tentar.

— Esperem! — gritou. Sua voz perfurou o ar e todos pararam. — Levem a mim! Deixem todos eles vivos. São só crianças, afinal. Vão crescer e se tornar bons piratas, cada um deles. Especialmente aquele ali.

Ela apontou para João e o encarou, implorando-lhe com o olhar que ficasse quieto.

Dentro do lampião, Tinker Bell, surpresa com o ato altruísta de Wendy, levantou a cabeça até então repousando sobre os braços. Ela sentiu uma pontada

de esperança… e sua derrota começou a se transformar em raiva.

Enquanto isso, Gancho olhava para Wendy, considerando sua oferta. Então deu de ombros.

— Sua grandeza é admirável — falou enfim. — Talvez até faça mais água respingar.

O capitão apontou para a sra. Starkey e a mulher largou Miguel para ir em direção a Wendy.

— Wendy, não — gritou João. — Você não pode…

— Posso, sim — falou Wendy, tentando soar convincente mesmo tremendo feito vara verde. — Sou sua irmã mais velha. Tenham coragem, meninos. Se virem a mamãe de novo, digam a ela que eu…

E então, enquanto o brigue se enchia de gritos e berros dos Meninos Perdidos, Wendy foi puxada para o convés para encontrar seu destino.



A luz do amanhecer estava apenas se infiltrando na lagoa. Havia sombras na névoa e neblina que subiam da água morna que cercava o *Jolly Roger*. A bordo do navio, vários piratas batiam no fundo dos barris, acrescentando um estrondo constante aos eventos que se desenrolavam.

Wendy olhou para a grande prancha que fora colocada na beirada do convés do *Jolly Roger*. Sentiu os olhos dos piratas e dos Meninos Perdidos em suas costas. Os piratas estavam torcendo por sua morte, enquanto os Meninos Perdidos estavam em sua maioria quietos, alguns fungando de vez em quando. Envolta em correntes pesadas, não tinha esperança de que, uma vez que atingisse a água, fizesse qualquer coisa além de afundar.

Sentindo o toque não tão gentil de um arpão em suas costas, Wendy respirou fundo e pisou na prancha. Enquanto caminhava, a madeira entortou levemente sob seu peso. As palmas e os aplausos ficaram mais altos atrás dela quando Wendy chegou ao final da prancha. Olhou para a água profunda e escura lá embaixo, os dedos dos pés se curvando ao redor da borda da madeira.

— Adeus, Wendy Moira Angela Darling — declarou Gancho, sem nenhum traço de gentileza na voz.

Wendy balançou na beirada da prancha, sua mente girando. Queria virar e ver os irmãos uma última vez, mas não se atreveu.

Sua única chance agora, se muito, era que algum resquício de pó mágico pudesse ajudá-la a voar.

— Pensamentos felizes — murmurou.

Respirando fundo, Wendy, enfim, pulou.

Ao mesmo tempo, sem que os piratas percebessem, Tinker Bell conseguiu se libertar do lampião. Ela observara cada instante e tinha visto a bondade no coração de Wendy. Isso deu à fadinha a força para reencontrar seu brilho depois de perder Peter. Não tinha intenção de perder Wendy também.

Wendy, no entanto, não tinha ideia de que isso estava acontecendo. Ela estava caindo, rapidamente no início, e depois quase em câmera lenta. A menina mergulhava em direção ao mar. E, quando caiu, algo estranho aconteceu. Em vez de ver toda a vida que tinha vivido passar diante de seus olhos, vislumbrou fragmentos de seu futuro. Ela se viu crescendo — lendo livros com amigos; correndo na praia; voando de avião na juventude; escrevendo histórias em uma máquina de escrever e cochilando ao sol do meio-dia na velhice, cercada por seus filhos e netos. Sua vida futura, ela percebeu, teria sido incrível. Crescer não significava perder o senso de aventura. Significava apenas viver aventuras totalmente novas.

Porém… ela jamais conseguiria viver esse futuro. Porque ainda estava caindo e a água se aproximava depressa.



Gancho observara ansiosamente Wendy pular da prancha. Apurou os ouvidos, esperando o revelador barulho do corpo atingindo a água.

Mas não ouviu nada — nem mesmo uma onda quebrando contra o barco. Apenas a brisa do mar e o barulho das gaivotas.

Algo estava muito errado.

Gancho inclinou a cabeça.

— Sr. Smee?

— Sim?

— Por acaso ouviu um respingo? — perguntou.

Smee assentiu.

— Com toda a certeza, Capitão — falou, mas seus gestos não indicavam tanta certeza. — Foi… bem, na verdade…

— Eu não ouvi — disse um pirata.

— Nem eu — comentou outro.

Gancho franziu as sobrancelhas.

— A esta hora ela já deveria ter batido na água.

— Sim — concordou Smee. — A menos que tenha caído bem devagarinho.

Gancho gritou. Aquilo era ridículo. Como uma menina poderia despencar do navio lentamente? Virando-se para o resto da tripulação, perguntou em voz alta:

— *Alguém* ouviu um barulho de respingo?

Os piratas balançaram a cabeça. Entretanto, ninguém disse “não” em voz alta, já que ninguém jamais ousava dizer essa palavra ao capitão.

Gancho caminhou até a borda do navio. Inclinou-se e arfou de susto com o que viu.

Havia pó mágico por toda parte, espalhando-se pelo barco, ondulando pelas tábuas como ouro líquido. Gancho deu um passo para trás, tentando evitar a coisa, mas era impossível. A magia se espalhava como fogo agora, engolindo o convés e subindo pelos mastros. Brilhou sobre as cordas e então, com um respiro final, recuou, como uma onda, deixando um brilho sutil em seu rastro.

— Nossa, isso parece… — começou Smee.

Conferiu o lampião do qual se esquecera completamente durante a caminhada de Wendy. Estava vazio. Tinker Bell havia fugido.

Gancho olhou para Smee, depois para sua tripulação e, finalmente, para os Meninos Perdidos. Estavam todos sorrindo. Isso não poderia ser uma coisa boa. Que outras surpresas lhe aguardavam?

Não teve que esperar muito. De repente, o brilho pulsou e iluminou, quase cegante. Gancho forçou a vista para conseguir enxergar através da luz. E então arfou novamente quando viu Wendy pairando no ar. Suas correntes tinham sumido, sendo substituídas por pó mágico. Ela parecia uma estátua de ouro.

Recuando, Gancho colocou a mão na frente do rosto, como se isso pudesse protegê-lo.

— Ela tem a mesma magia que o garoto — disse, sentindo um pouco de medo e meio confuso.

Tinker Bell tilintou e, do ar, Wendy sorriu. Sabia exatamente o que a fada estava dizendo.

— Esta magia não pertence a garoto nenhum — falou Wendy, flutuando por cima da prancha e em direção a Gancho, como um fantasma sobrevoando o chão de uma casa assombrada.

Gancho recuou um pouco mais.

— Ainda estamos em maior número, menina — ameaçou, apesar de sua voz estar trêmula. — As mãos protegem o gancho, que protege o punho. Meus homens darão a vida para salvar seu capitão.

Wendy sorriu, pois era exatamente aquilo o que torcia para que Gancho dissesse.

— Mas o que é um capitão sem um navio? — perguntou ela quando um rangido alto ecoou sobre a água e o navio estremeceu violentamente. Todos abriram os braços, tentando manter o equilíbrio enquanto as tábuas do convés tremiam e se dobravam.

E então o *Jolly Roger* começou a flutuar no ar.

Com um som de sucção, ergueu-se do mar, jorrando uma torrente de água salgada do casco para as ondas abaixo. Quando os raios do sol da manhã atingiram as laterais ainda molhadas de água do mar, o navio brilhou, como se tivesse saído das histórias de dormir de que Wendy tanto gostava.

A menina voou ao topo do mastro, com Tinker Bell ao seu lado. Juntas, soltaram a vela mestra. Enquanto ela caía, Tinker Bell também a cobriu de pó mágico. Quando o vento soprou, as velas ondularam majestosamente. O navio inteiro agora brilhava, dourado.

Olhando para cima, Gancho estava momentaneamente atordoado e mudo, observando a garota insolente e a fada frustrante transformando completamente seu navio. Mas então voltou a si. Dirigindo-se ao sr. Smee, gritou:

— Faça meu navio voltar para a água!

— Sim, Capitão! — E então Smee franziu o cenho. — Mas como, exatamente, Capitão?

Ele nunca tinha lidado com um navio voador antes. Com um navio encalhado numa praia? Certamente. Mas isso aqui era um problema completamente diferente.

— Dê um jeito! — rosnou o capitão. — O mais rápido que…

Sua voz sumiu quando ele ouviu um uivo ao longe. Girou em direção à terra. O som era familiar. Puxou sua luneta e examinou o horizonte.

Os Meninos Perdidos também ouviram o uivo. Livrando-se das cordas, que haviam sido afrouxadas pelo pó mágico, eles correram para a beirada do navio.

— Isso é…? — começou Nibs.

— Acho que pode ser… — continuaram as gêmeas.

— Ah, com certeza é — disse Tootles, com um sorriso enorme se espalhando pelo rosto enquanto olhava no penhasco ao longe.

Lá, galopando à margem, estava um cavalo branco. Em cima dele estavam ninguém mais, ninguém menos do que Tigrinha e…

— Peter! — gritou Wendy ao vê-lo de onde estava empoleirada, na vigia do navio.

Ao ouvir o grito, Gancho girou sua luneta no ar. Quando viu o menino, seus olhos se arregalaram e, então, para sua própria surpresa, sentiu uma onda de alívio inundá-lo. Peter Pan estava vivo. Ele estava de volta, pronto para lutar mais um dia. Gancho mal podia esperar.

Incapaz de tirar os olhos de Peter, observou enquanto Tigrinha corria com seu cavalo direto para a beira do penhasco. Atrás dela, Peter estava de pé, brandindo a espada em uma mão e o ursinho de pelúcia de Miguel na outra. Os cascos do cavalo batiam cada vez mais rápido à medida que se aproximavam mais e mais da beira do penhasco. E então, pouco antes de o chão terminar, Tigrinha puxou as rédeas com força. Seu cavalo girou nos quartos traseiros e Peter saltou.

O tempo pareceu desacelerar enquanto Peter pairava no ar acima do mar e do *Jolly Roger*. Com a espada ainda levantada e o urso ainda na mão, ele era exatamente a imagem de um herói correndo para a batalha. E então o tempo

acelerou novamente e ele caiu, cada vez mais depressa até que bateu em uma vela e enfiou a espada no tecido grosso. Continuou a cair, mas desacelerado pelo tecido, sua descida foi menos frenética. Quando chegou ao final da vela, pousou sem esforço no convés de proa.

Respirando fundo, Peter se endireitou. Virando-se para Gancho, disse com um sorriso:

— Sentiu saudades?

Gancho deu um grande sorriso perverso.

— Mais do que pode imaginar — disse e foi até Peter. — Como conseguiu? Fé, confiança e pó mágico?

— Não — falou Peter. — Nada de pó mágico desta vez. Só uma ajudinha dos meus amigos.

Quando estava caído no chão frio depois de ter sido ferido por Gancho e despencado do alto do castelo, Peter pensou que não havia a menor chance de ser salvo dessa vez. Mas sua sombra não o deixaria partir e saiu correndo para encontrar Tigrinha. Deslizando pela escuridão, a sombra voou pela floresta, finalmente avistando a luz do fogo crepitando perto da borda de um penhasco. Acelerando, a sombra passou sobre as tendas montadas no terreno alto. Alguns guerreiros mais velhos estavam sentados perto da líder, a tataravó de Tigrinha, enquanto as crianças brincavam perto da fogueira. Olhando para o fogo, a princípio Tigrinha não notou a sombra. Mas quando passou bem na frente dela, ela pressentiu e soube que Peter estava em apuros. E então foi até ele, o mais rápido que seu cavalo podia carregá-la.

Ele nunca esteve sozinho. E assim, Peter percebeu, era como tinha sobrevivido: seus amigos — amigos que não tinha tratado lá muito bem nesses últimos tempos.

Gancho se aproximou com um passo. Peter fez o mesmo. Ambos estavam ansiosos para ver quem seria o primeiro a atacar.

— Ousa falar de amigos para mim — disse Gancho. — Jovem orgulhoso e insolente: puxe sua arma.

— Homem perverso e sinistro… uma última vez — falou Peter, desviando.

Suas espadas se chocaram e então eles começaram a lutar. Mas não era como qualquer duelo que já tinham travado antes. Essa luta não era por diversão. Ela estava carregada de emoção, era de fato mais uma briga do que uma dança. Este era *o* combate — aquele em que cada pensamento e sentimento não dito seria revelado. Gancho erguera a espada bem acima da cabeça, pronto para atacar, quando uma sombra cruzou seu rosto. Olhou para cima bem a tempo de ver a vela grande caindo em sua direção. Um momento depois, ele, Peter e todos abaixo deles estavam cobertos pelo tecido.

Lá em cima, na vigia, Wendy e Tinker Bell olharam para baixo para ver se a distração havia funcionado. Mas não havia. Os dois inimigos se libertaram e começaram a lutar por todo o convés, abrindo caminho entre os piratas e os Meninos Perdidos, que haviam começado sua própria luta.

— Como nos velhos tempos, hein? — falou Gancho quando chegaram ao tombadilho do navio.

— Todos seus tempos são velhos — rebateu Peter.

Um pirata correu na direção dele com um machado, mas uma flecha o atingiu na mão e ele parou: Curly tinha vindo prestar socorro. A Menina Perdida pulou do cordame e deu um sorriso a Peter antes de sair correndo para ajudar os outros.

Mais uma vez, Gancho e Peter se concentraram em sua própria briga. Miguel estava lutando para tomar seu urso de volta dos piratas que o pegaram, enquanto Slightly e Nibs tinham visto o enorme canhão e se aproximaram dele trazendo balas para carregá-lo. Enquanto Wendy tentava ajudar os irmãos, Smee estava cara a cara com as gêmeas, que roubaram seu chá e depois, para seu horror, o jogaram no chão do navio.

Ele soltou um grito e estava à beira das lágrimas quando ouviu um familiar tilintar atrás de si. Virando-se, viu Tinker Bell. Levantando as mãos no ar, disse:

— Eu não queria machucar ninguém. Eu só… eu só… eu só queria voar.

Tinker Bell parecia surpresa. E então, para a surpresa *de Smee*, a fada deu de ombros e soprou um punhado de poeira bem na cara dele. O pirata espirrou, e a reação o arrancou do chão — estava voando. Com um grito feliz, ele flutuou por cima do navio. De lá, observou o desenrolar da luta. Era realmente uma visão panorâmica. Avistou Tigrinha subindo a âncora do navio, que ainda estava pairando acima da água — embora tivesse mudado de rumo e agora se dirigisse para os penhascos rochosos. Tigrinha rapidamente se juntou à briga, claramente como a guerreira experiente que era, mas Smee podia fazer pouco de onde estava. Deu de ombros e só continuou a assistir.

Agarrando o leme, João e Miguel o puxaram, tentando desesperadamente virar o navio para que não colidisse com os penhascos. No último momento, Tinker Bell voou, dando ao navio outra explosão de pó mágico. Com um rangido e um gemido, o navio se moveu, raspando no penhasco. Houve um barulho estridente e ensurdecedor quando a rocha arranhou a madeira.

Depois de lutar para se livrar de um bando de piratas, Wendy se juntou a seus irmãos no leme. Vários piratas caíram ao lado do barco — só para acabarem sendo capturados por sereias e arrastados para baixo da água. Alguns outros escorregaram e outros tinham batido a cabeça, ficando inconscientes. Wendy mal olhou para eles. O navio precisava se afastar das rochas e ir para o mar aberto em segurança.

Segurando o leme com força, ela gritou:

— Ei, segurem-se em algo! Vamos dar uma voltinha.

E então, quando as crianças se agarraram a qualquer coisa em que pudessem se segurar — cordas, trilhos, mastros —, ela deu uma grande volta no leme, fazendo o barco balançar descontroladamente. Enquanto ela e os demais se seguravam para sobreviver, Peter e Gancho continuavam sua luta.



Alheios ao grande perigo que enfrentavam, Peter e Gancho seguiram sua luta para os aposentos do capitão. Na escuridão do gabinete Gancho perdeu Peter de vista e parou. Mas não demorou muito para ele identificar uma sombra familiar pairando perto de um de seus mapas. Sorriu. Esse era um dos muitos truques de Peter: fazer sua sombra ir para uma direção enquanto ele ia em outra. Ainda assim, Gancho não conseguiu evitar. Seguiu a sombra.

No mesmo momento, ouviu passos suaves atrás de si e, então, sentiu algo bater sobre sua cabeça. Levantou a mão e percebeu que Peter havia colocado uma caveira de crocodilo nele. Gancho a arrancou bem quando o barco se inclinou violentamente e ele e Peter saíram deslizando pelo chão. O capitão ouviu gritos do lado de fora enquanto o navio continuava a se inclinar mudando de direção. Conforme o gabinete tombava, Peter e Gancho tentaram lutar, mas, na maior parte do tempo, esforçavam-se apenas para ficar de pé enquanto o navio lentamente se inclinava cada vez mais até ficar totalmente de cabeça para baixo, o mastro apontando para o mar logo abaixo e a traseira do navio para o céu.

Ainda assim, não desistiriam de sua luta. Significava muito para ambos.

Saltando em direção a uma viga no teto, Peter por pouco não foi esfaqueado pela espada de Gancho. Então o capitão o golpeou com seu gancho — mas em vez de acertar Peter, ele afundou na viga e ficou preso. Furioso, Gancho tentou se libertar, mas o gancho estava bem enfiado. Ele puxou. E de novo. E mais uma vez. Finalmente, com um estalo, o gancho se soltou. O impulso fez Gancho cair na direção de uma claraboia que, dada a inclinação do navio, parecia mais um alçapão. Com um estrondo, ele a atravessou e despencou em direção ao mar —

mas foi detido pela vela traseira. O pirata saltou no tecido antes de rastejar e se erguer no mastro, fazendo uma careta.

Espiando pela claraboia quebrada, Peter viu seu inimigo lá embaixo. Também viu claramente como tudo estava de cabeça para baixo. Se não estivesse tão empenhado em terminar sua luta, teria achado aquilo tudo muito divertido. Mas agora não era o momento.

Passando a perna pela janela, começou a sair, porém mal havia se livrado do vidro quebrado quando seu pé escorregou. Agitou os braços, mas se lembrou de que não tinha o poder do pó mágico. Não daria certo. A gravidade levou a melhor e ele começou a cair.

— Te peguei!

Peter de repente parou de cair, pois alguém segurou a mão dele. Levantando a cabeça, ele sorriu. Wendy tinha o pegado. Ela flutuava pelo ar com a mesma facilidade que ele conhecia tão bem. Os dois trocaram um olhar, um pedido de desculpas não verbalizado, um aceno de perdão. E então, enquanto ela segurava a mão dele, um pouquinho de pó de mágico se esparramou em seus dedos. Não muito, mas o suficiente. Com um aceno de cabeça, Peter indicou a Wendy que estava tudo bem e então soltou-lhe a mão e desceu pelo ar até o local onde Gancho se agarrava ao mastro.

Pairando na frente dele, o garoto observou enquanto o homem se arrastava lentamente, dolorosamente de volta ao mastro em direção ao convés acima.

— Sabe o que mais dói em envelhecer? — perguntou Gancho com a respiração ofegante. — Não são os ossos rangendo, os sonhos destruídos nem o senso de que a morte está cada vez mais próxima. É saber que seu melhor amigo pode te olhar nos olhos e não te reconhecer.

O navio virou novamente, endireitando-se pouco a pouco. O mastro apontou primeiro para o horizonte e depois para cima mais uma vez. As velas se endireitaram e os piratas que conseguiram ficar a bordo agora caíram no convés, felizes por estarem de cabeça para cima.

— Foi você que quis ir embora! — gritou Peter. Ele sabia, desde que acordara no chão frio, que essa conversa seria inevitável. Agora que a memória de Gancho havia sido acionada, ele não a deixaria passar despercebida. Nunca iria parar essa luta.

— Eu era uma criança! — protestou Gancho.

Peter arqueou uma sobrancelha.

— E olhe só o que você se tornou.

— O destino me emprestou esta mão — disse o pirata, acenando com a cabeça para o gancho.

— O destino *lhe tirou* sua mão — corrigiu Peter.

Gancho balançou a cabeça. Não. Não era bem assim. O menino estava errado.

— Foi você! — gritou.

Percebendo que estavam de pé, ele puxou o gancho do mastro e ergueu a espada bem acima da cabeça. Queria terminar essa luta de uma vez por todas.

Mas, para sua surpresa, Peter ergueu as próprias mãos em rendição.

— Pare!

Gancho encarou Peter com raiva. Não havia a menor possibilidade de ele recuar agora. Ele tinha que lutar. Isso era o que eles deveriam fazer — agora e para sempre. Havia sentido o vazio de sua vida sem Peter nela, e não tinha gostado. Portanto, continuaria a lutar com o menino, como deveriam fazer.

— Não desista agora, moleque! Imagine a Terra do Nunca sem nós dois, sem nossa desavença e nossas batalhas. Sem você, a chama que me alimenta se apagaria — enquanto falava, Gancho investiu várias vezes com a espada contra Peter, fazendo-o recuar até ficar contra o mastro — e, sem essa chama, você não teria escolha a não ser…

— Ser um menino de verdade? — terminou Peter.

Pego de surpresa, Gancho sacudiu a cabeça.

— Não! Um menino de verdade cresceria. Um menino de verdade…

Mais uma vez, Peter concluiu a frase por ele.

— Pediria desculpas?

Agora Gancho estava confuso. Não esperava por aquilo.

— Pelo quê?

— Por te machucar — respondeu Peter, deixando a zombaria e a acidez em sua voz de lado. — Por ser um amigo ruim.

Morrer, ou quase morrer, havia despertado algo em Peter: um sentimento há muito adormecido — empatia. Ele sentira o vazio e o medo, assim como sabia que Gancho devia ter sentido anos antes, quando ansiava voltar para casa. Por muito tempo, Peter só queria lutar com Gancho porque estava bravo com ele. Mas agora percebeu que não era só bravo que ele estava. Também estava magoado. Ele se sentia solitário e com medo. E não queria mais se sentir assim.

Peter largou a espada, e ela caiu no convés, aterrissando ao lado de Wendy, que estava olhando para o par.

— Me desculpe por ter feito o que fiz, Capitão Gancho. Peço desculpas por ter te magoado, James.

Gancho ficou perplexo demais para falar. Mas só por um momento.

— Você não tem esse direito! — gritou de volta. — Não é assim que funciona. Você precisa lutar comigo!

— Isso não é mais divertido — falou Peter.

O garoto olhou para Wendy e os Meninos Perdidos, Tinker Bell e Tigrinha —

seus amigos. *Eles* sim se divertiam. *Eles* sim viviam aventuras. E sempre era melhor quando estavam juntos.

— Não é para ser divertido — vociferou Gancho, já sem paciência.

Já estava farto deste novo joguinho de Peter. Já chega de conversinha. Gancho levantou a espada bem acima da cabeça e fez menção de trazê-la com força para baixo.

Porém, antes que pudesse, Wendy e Tinker Bell se meteram no meio dos dois, bloqueando o ataque.

— Ah, Capitão — disse Wendy, balançando a cabeça. — Cresça.

E então, antes que Gancho pudesse responder, houve um estrondo terrível.

Lá embaixo, no convés, o Long Tom, o maior e mais poderoso canhão do navio, fumegava. Slightly estava sentado ao lado dele, um pouco atordoado pela explosão, mas ainda assim com um sorriso no rosto. O menino observou enquanto a bala de canhão disparou pelo ar e atravessou o mastro de proa. Como uma árvore na floresta, o pequeno mastro rangeu, gemeu e enfim caiu com força, batendo no mastro principal.

Quando os dois mastros colidiram, Gancho foi arremessado e caiu no ar em direção ao mar. Mas, de repente, alguém estendeu a mão e parou sua trajetória descendente. Olhando para cima, o pirata viu Peter sorrindo para ele com a mão segurando o gancho de Gancho.

— Te peguei — disse Peter.

Os olhos de Gancho estavam cheios de terror quando o navio rangeu e se dobrou sob ele. Peter mal estava conseguindo manter-se flutuando com o pouco de pó mágico que tinha lhe restado. E Gancho era um homem adulto e pesado. Estava difícil. Ele só poderia ajudar se Gancho fizesse algo que provavelmente não fazia há um bom tempo.

— Pensamentos felizes! — gritou Peter para ele.

Gancho fechou os olhos com força, esforçando-se para pensar em alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse se assemelhar a um momento feliz. Parecia um processo doloroso para ele, e Peter também sentiu um lampejo de dor. Era mesmo tão difícil assim encontrar uma boa lembrança? Todos aqueles anos de luta haviam apagado as memórias do faz de conta na floresta? O esconde-esconde no covil? Era isso que Peter tinha feito com Gancho?

Abrindo os olhos, Gancho balançou a cabeça.

— Não tenho nenhum! — falou por fim.

— Tem, sim — insistiu Peter, sem querer deixar o momento acabar assim. Gancho *tinha* que ter uma boa lembrança. Mesmo que fosse uma só.

Antes, porém, que pudesse dizer qualquer outra palavra, houve um estalo alto e ele sentiu o peso de Gancho desaparecer. Olhando para baixo, viu que ainda

segurava o gancho de Gancho, mas o capitão havia escorregado.

— Não! — gritou Peter com a voz cheia de angústia enquanto assistiu à queda de Gancho e, enfim, sua colisão com a água. Com um grande baque, Gancho mergulhou e desapareceu sob as ondas espumosas.

Peter flutuou até o convés e ficou com as pernas trêmulas. Seus ombros tremiam e lágrimas ardiam em seus olhos quando olhou por cima da grade para o redemoinho escuro de água onde Gancho havia desaparecido. Voltando seu olhar para o gancho em sua mão, ele estremeceu.

— O que foi, Peter? — perguntou uma vozinha, e ele tomou um susto.

Virando-se, viu que todas as crianças haviam se reunido perto dele no convés. Elas haviam tomado o navio. Os poucos piratas que não haviam caído no mar durante o tumulto estavam encolhidos nos cantos com a cabeça entre as pernas, tremendo de medo. Wendy ficou de lado, os olhos cheios de lágrimas. Ela tinha presenciado tudo e sabia o que havia de errado.

— Ele era meu amigo — falou Peter, baixinho. Ele enfim percebia que o homem sempre tinha sido, embora de uma maneira estranha. E agora Peter nunca mais o veria.

As crianças ficaram em silêncio enquanto observavam Peter chorar. Mas então, muito lentamente, se aproximaram, restringindo o círculo ao redor dele.

— Também somos seus amigos, Peter — falou Curly com gentileza.

Slightly assentiu.

— Estamos aqui para te dar apoio — acrescentou.

Peter olhou para as crianças. Elas estavam certas. Ele passou tanto tempo focado em Gancho que nunca percebeu quantos bons amigos tinha bem na sua frente. E agora precisava fazer o que um verdadeiro amigo faria: o sacrifício final.

— Não acham que está na hora de levarmos todos vocês de volta para casa? — perguntou.

As crianças se entreolharam, sem saber se Peter estava falando sério. Mas ele fez Tinker Bell cobrir o navio com pó mágico mais uma vez e, quando subiam mais alto pelo céu da Terra do Nunca, perceberam que ele estava falando muito sério.

— Para onde, Peter? — perguntou Slightly quando se reuniram perto do leme. O céu havia clareado e as estrelas estavam desaparecendo rapidamente.

Peter olhou para cima e apontou. Podia não saber como ser o melhor amigo, mas pelo menos sabia disso:

— A segunda estrela à direita e seguindo até…

João o interrompeu.

— Espera, não seria à esquerda agora? — perguntou.

— O quê? — retorquiu Peter, inclinando a cabeça.

— A estrela — disse João. — Se vamos na direção oposta…

Enquanto Peter e as crianças começaram a discutir sobre qual era a direção certa, Wendy assistiu à cena com um sorriso triste no rosto. Estava feliz por voltar para casa, mas ia sentir falta disso. Olhando para trás, para a paisagem da Terra do Nunca, apertou os olhos. Um cavalo branco corria pela praia e montada na bela criatura estava Tigrinha. O cavalo recuou e a garota acenou para Wendy, que ergueu a mão e acenou de volta.

Sim, pensou, sentiria falta disso e dos amigos que fizera. Tigrinha lhe ensinou a ser forte. Peter lhe ensinou a ser compassiva. E Tinker Bell lhe mostrou como ouvir. Eles todos eram uma parte de sua vida agora. Mas era hora de ir para casa. E embora soubesse que talvez nunca mais voltaria, sabia que pelo menos sempre teria as histórias.

Sentindo uma pequena mão pegando a sua, ela olhou para baixo e viu Miguel. Ele estava segurando seu ursinho na outra mão.

— Diga adeus à Terra do Nunca, Sr. Urso — falou, baixinho. — Logo você estará de volta em casa.

Wendy deu um leve aperto na mão dele. Sim, logo eles todos estariam de volta em casa. E ela mal podia esperar.



Wendy fechou lentamente a porta do quarto das crianças atrás de si e dirigiu-se para as escadas. A casa dos Darling estava uieta e acífica e ela ficou arada or um momento, apreciando as vistas e os cheiros familiares. A viagem de volta tinha sido fácil e, assim como Peter havia prometido, nenhum tempo havia passado por lá enquanto eles estavam na Terra do Nunca. Londres ainda estava escura. As velas ainda tremeluziam nos postes e o ar estava úmido quando a última tempestade desvaneceu. Tudo era quase o mesmo. E, no entanto, percebeu Wendy, ela estava muito diferente.

Ao ouvir um som, virou-se e viu a mãe saindo de seu próprio quarto, puxando um xale sobre os ombros.

— Minha nossa, Wendy, você me assustou — falou a mãe.

— Mãe… me desculpe, mãe — disse Wendy, como se a discussão das duas tivesse acabado de acontecer.

A sra. Darling sorriu e abriu bem os braços. Como quando era criança, Wendy correu para eles e envolveu seus próprios braços na cintura de sua mãe. Ela descansou a cabeça em seu ombro, surpresa que agora elas estivessem quase da mesma altura.

— Pronto, pronto, minha doce menina. — A sra. Darling a acalmou, passando a mão pelo cabelo de Wendy com gentileza. — Está tudo bem.

— Mãe, acho que estou pronta — disse Wendy, mas suas palavras saíram abafadas pelo ombro de sua mãe.

— Pronta para o quê? — indagou a sra. Darling.

Wendy engoliu em seco. Sabia que era a coisa certa a se fazer. Ainda assim, uma vez que dissesse as próximas palavras, não haveria como voltar atrás. Mas

então pensou em Peter e Gancho e em todo o tempo que eles perderam se prendendo ao passado. Era hora de seguir em frente.

— Estou pronta para… — começou Wendy.

O barulho de uma pancada vindo do quarto das crianças a interrompeu. Seguiram-se vozes abafadas.

A sra. Darling recuou.

— Ouviu algo?

Wendy tentou fazer cara de inocente.

— Não, acho que não…

Mas, então, veio outro estrondo e, desta vez, o sr. Darling espichou a cabeça pela porta do quarto.

— Xiiiiu! — chiou ele para a filha. — Ouviu isso? Estão invadindo a casa.

Wendy sacudiu a cabeça.

— Não ouvi nada…

Os pais a ignoraram e cautelosamente se apressaram pelo corredor. Wendy suspirou e os seguiu. Ela esperava ter um pouco mais de tempo.

Abrindo a porta do quarto das crianças, o sr. e a sra. Darling ficaram chocados ao se depararem com o quarto cheio de crianças. Curly, Slightly, Nibs, Tootles, Bellweather, Birdie e as gêmeas estavam lá dentro. Alguns estavam de olhos arregalados ao verem os brinquedos que João e Miguel lhes mostravam, outros estavam pulando nas camas, e Nibs latia para Naná, que latia de volta, feliz por estar em meio a tantas crianças.

— Quem são todas estas crianças? — perguntou a sra. Darling, quando enfim conseguiu falar.

Os Meninos Perdidos pararam de pular e de brincar. Lentamente, foram em direção à sra. Darling, compelidos por seu rosto bondoso e voz suave.

— De onde vocês vieram? — perguntou o sr. Darling enquanto as crianças se aglomeravam em volta da sra. Darling, cada uma delas querendo chegar o mais perto possível de uma mãe.

— Vieram da Terra do Nunca, pai — disse Miguel.

— Terra de onde? — perguntou o sr. Darling, confuso.

Antes que pudesse obter uma resposta, no entanto, Bellweather se aproximou e lhe entregou seu relógio de bolso. Apesar de já ter visto dias melhores, estava funcionando. O menino o tinha consertado! O sr. Darling olhou para o relógio e de volta para o menino, então balançou a cabeça em perplexidade.

— O que aconteceu com meu pobre relógio? — indagou o sr. Darling.

— É meio que uma longa história… — respondeu João.

Vendo os pais e as crianças se conhecerem, Wendy sorriu. Sabia que seus pais seriam acolhedores com elas. Foi por isso que disse a Peter para deixar todos lá.

Com o tempo, tentariam devolver as crianças para suas próprias casas ou encontrar novos lares para elas, mas, por enquanto, elas poderiam ter boas noites de sono e fazer algumas refeições quentes, e talvez até ouvir uma história de sua mãe.

Wendy se virou e saiu do quarto na ponta dos pés. Ainda havia uma coisa a fazer. Era hora de dizer adeus. Subiu as escadas e foi até o telhado. Peter estava sentado na sombra, empoleirado nas telhas com Tinker Bell pairando ao seu lado. Acima deles, o *Jolly Roger*, amarrado à chaminé por uma longa corda, flutuava na suave brisa noturna. Ao se aproximar, Wendy ouviu um som inconfundível.

— Garoto — disse, baixinho, indo até ele —, por que está chorando?

Peter levantou a cabeça e esfregou os olhos. Quando se conheceram, ele teria inventado uma desculpa se Wendy o visse chorando. Mas isso era passado. Agora eram amigos de verdade — e amigos de verdade eram sinceros um com o outro.

— Sabe quando você me perguntou de onde venho? — Peter falou enfim.

— Sim… — respondeu Wendy. Era a única pergunta que tinha ficado sem resposta… até agora.

Peter apontou para a chaminé. Enquanto Wendy observava, Tinker Bell voou até ele e iluminou os tijolos com seu brilho de fada. Wendy arfou quando a luz revelou um nome esculpido nos tijolos: PETER PAN.

— Você morava *aqui*?

Peter assentiu. Ele tomou fôlego e começou a contar a história que nunca havia contado a ninguém. Nem mesmo a Gancho.

— Minha mãe me deu bronca uma noite e me disse para crescer. Em vez disso, saí pela janela, pulei o muro do jardim e nunca olhei para trás.

— Olhou, sim — falou Wendy, conseguindo visualizar tudo com mais clareza agora. — Foi por isso que você continuou voltando. Porque sente saudades de casa.

Peter deu de ombros.

— Não é mais minha casa. É a sua. E eu sou só uma história… uma história que contei para qualquer criança que quisesse ouvir…

— Como minha mãe? — adivinhou Wendy.

Peter assentiu.

— E, antes disso, a mãe dela. A história nunca teve um fim… até agora. — Ele parou. — Talvez eu ainda possa voltar e ouvi-la qualquer hora.

Wendy ouviu o desejo e a tristeza na voz de Peter, e isso partiu seu coração. Ele havia trazido os Meninos Perdidos para casa, mas agora estaria sozinho novamente. Sentando-se ao lado dele, Wendy enrolou a camisola ao redor das

pernas e sorriu gentilmente para Peter.

— Ou você poderia ficar — sugeriu.

— Aqui?

— Sim.

— Mas você vai partir — comentou Peter. — Você vai crescer.

— Sabe, Peter, depois disso tudo, eu acho que… — ela se interrompeu, buscando as palavras certas — que crescer… talvez seja a maior aventura de todas.

Lágrimas escorriam pelas bochechas de Peter enquanto a ouvia. Wendy queria estender a mão e confortá-lo. Este menino, que não tinha medo de piratas, ficava completamente indefeso com a ideia de ser um adulto.

— Não acho que estou pronto...

— Ainda tem meu beijo? — perguntou ela.

Peter assentiu e mostrou o dedal.

Tomando-o dele, Wendy olhou para o pequeno objeto que carregava tanto significado. Então olhou de volta para Peter.

— Posso te dar mais um? — perguntou, baixinho.

— Pode — disse Peter, estendendo a mão, esperando.

Mas em vez de lhe dar outro dedal, Wendy se inclinou para a frente e plantou o mais suave e gentil dos beijos em sua bochecha. Era inocente e puro, mas cheio de sentimentos e promessas não ditas.

Afastando-se, sentiu o vento esfriar suas próprias bochechas e viu a surpresa nos olhos de Peter.

— Acho que todos crescemos no nosso momento particular. E você me ajudou a encontrar o meu. — Wendy ficou de pé e estendeu a mão para ajudar Peter a se levantar. — Agora vá. Volte quando estiver pronto. E quando estiver… talvez venha me procurar.

Peter ficou ali, de boca aberta como se quisesse dizer sim. Mas, antes que pudesse reagir, uma rajada de vento atingiu a vela do *Jolly Roger*, puxando-a para a frente. O navio lutou contra a chaminé e então, com um estrondo, o tijolo desmoronou. Grande parte da chaminé foi arrancada do telhado. Livre de seu domínio, o navio começou a se afastar.

Peter olhava para a frente e para trás, entre o navio e Wendy, com a indecisão estampada no rosto. Mas então, com um último olhar de desejo, saltou no ar e pulou a bordo do navio.

Ouvindo um sininho, Wendy olhou e viu Tinker Bell pairando ao lado dela.

— Adeus, Tink — falou para a fadinha. — Cuide de Peter. E não se esqueça de mim.

Tinker Bell se aproximou, então se inclinou e falou no ouvido de Wendy. E

desta vez, Wendy a entendeu perfeitamente.

— Obrigada por me ouvir, Wendy — disse. A fada deu um beijinho no nariz de Wendy e foi atrás de Peter e do navio.

Wendy os observou partir, enquanto, no quarto das crianças, o sr. e a sra. Darling e as crianças faziam o mesmo. Cada um teve uma sensação diferente ao contemplar o navio velejando sobre o horizonte de Londres. Para os Meninos Perdidos, era um misto de tristeza com amor e gratidão. Peter lhes dera uma vida inteira de aventuras, e eles sentiriam sua falta. Mas estavam prontos para o que estava por vir. Para os pais Darling, o navio trouxe uma pontada de nostalgia, uma leve cutucada de uma memória esquecida.

— Que tipo de magia é essa? — perguntou o sr. Darling, baixinho. — Quem é aquele garoto?

Ao lado dele, a sra. Darling encarava o navio. E então, como se um sonho tivesse voltado ao foco, ela soube. Já vira aquele navio. Já conhecera aquele menino. Fazia muito tempo, quando ela era apenas uma menina. Mas ela o conhecia.

— Ora, aquele é Peter Pan — respondeu ao marido quando outra rajada de vento flutuou pelo ar da noite e fez as velas cintilantes ondularem. Ela apertou a mão do marido e depois olhou para as crianças. Que noite mágica deve ter sido…



No telhado, Wendy observou o navio voar cada vez mais longe na noite, seu curso definido para a segunda estrela à direita. Podia ver apenas Peter de pé no leme com seu chapéu inclinado alegremente na cabeça e Tinker Bell ao seu lado.

Como se sentisse o olhar dela sobre ele, Peter se virou e correu para a beirada do convés. Ergueu a mão e ficou lá enquanto o navio se afastava. O último vislumbre que Wendy teve do menino foi quando o navio cruzou na frente da lua, uma silhueta perfeita, uma visão tirada dos sonhos.

E então, assim, ele desapareceu na noite. Tudo o que restou foram as estrelas cintilantes e o luar brilhante. Wendy ficou observando por um longo tempo depois que o navio se foi, imaginando seus dois únicos tripulantes voltando para uma terra como nenhuma outra. Seria diferente sem os Meninos Perdidos e Gancho, mas Wendy tinha a sensação de que Peter guardava algumas surpresas na manga.

Finalmente desviando o olhar do céu, observou a cidade bem diante de si. Parecia diferente de alguma forma, mais suave, mais mágica. As ruas pareciam

mais largas, a cidade mais aberta, como se estivesse cheia de possibilidades. Wendy suspirou e então começou a voltar para dentro. Mas quando fez isso, seu olhar recaiu sobre o nome de Peter, gravado nos restos da chaminé. Ela parou. O nome era tão pequeno e, no entanto, Peter Pan era monumental — uma história que esperava contar a seus filhos e aos filhos deles algum dia. Mas ela havia mudado sua história. Ele mesmo havia dito isso. Ela tinha lhe proporcionado um final. Caminhando até os restos da chaminé, pegou o beijo que havia dado a Peter e começou a arranhar o tijolo com o dedal. Quando terminou, deu um passo para trás e sorriu.

Satisfeita com seu trabalho, finalmente voltou para casa. Era hora de dar uma olhada nas crianças e em seus pais.

Atrás dela, uma nuvem passava sobre a lua. Quando a nuvem se afastou, o luar brilhante iluminou a chaminé, revelando o que havia sido talhado no tijolo — o fim de uma história e, talvez, o começo de uma nova: PETER PAN E WENDY.



Outro dia amanheceu brilhante sobre a Terra do Nunca. Nas colinas, a brisa morna soprava a grama verde, fazendo-a ondular como água. Lá embaixo, nas piscinas à beira-mar, as sereias brincavam, pulando e mergulhando no frio mar azul.

Então, do mar, algo emergiu. Um braço, sem mão, irrompeu no ar e agarrou o objeto mais próximo — um bote virado.

Era Gancho!

Resmungando e ofegante, Gancho se puxou para o barco virado. Estava ensopado até os ossos — o rosto azul e os dedos enrugados como uvas-passas —, mas vivo! Ele estava definitivamente vivo.

Ele viu Smee agarrado a um pedaço de corda flutuando na água a alguma distância. As pernas do homem flutuavam no ar enquanto ele ria com exagero.

— Capitão — gritou, vendo Gancho. — Você me viu, Capitão?

— Sim, eu te vi! — gritou Gancho de volta, puxando um pedaço de algo da camisa. — Se endireite aí e talvez consigamos chegar à terra firme.

Smee assentiu, mas ainda estava concentrado em sua diversão.

— Mas você me viu mesmo? — perguntou. — Eu voei! Eu voei de verdade!

Um som distante fez Smee parar de falar. Ele e Gancho se viraram e olharam para o horizonte. Os dois esperaram, prendendo o fôlego, pelo som de novo.

— Ouviu só? — perguntou Gancho.

Então ele ouviu o som novamente quando uma sombra passou sobre sua cabeça. Ele sorriu. Não, não era o grasnar das gaivotas. Não era nem o terrível tique-taque do crocodilo. Era um som que tinha ouvido a vida toda. Era Tinker Bell, anunciando o retorno de Peter à Terra do Nunca. Gancho olhou para o céu

assim que o *Jolly Roger* apareceu. E, pela primeira vez em muitos anos, Gancho sentiu alegria.

Quando o barco mergulhou, ele viu Peter no convés, com Tinker Bell pairando logo à sua frente. Sua luz dourada irradiou sobre a Terra do Nunca, e quando eles passaram pelo bote de Gancho, Peter se abaixou e o puxou para dentro do navio.

Então, juntos, amigos mais uma vez, os dois navegaram em direção às praias da Terra do Nunca, prontos para as novas aventuras que viriam.



Os irmãos Darling amam brincar de faz de conta com os personagens de sua história favorita: o herói Peter Pan e seu inimigo, o Capitão Gancho.



Mas, numa noite, a diversão termina com um espelho quebrado no quarto das crianças.



As crianças levam uma bronca do sr. Darling — sobretudo Wendy, que é a mais velha, e deveria se comportar melhor.



O plano é que Wendy vá para o internato no dia seguinte, mas ela diz à mãe que não sabe se está pronta para crescer.



Peter Pan e Tinker Bell ouvem o pedido de Wendy e surrupiam as crianças para a Terra do Nunca! Um ataque do Capitão Gancho separa Wendy dos demais, mas

ela faz amizade com a corajosa Tigrinha.



Ao lado de Tigrinha, Wendy encontra os Meninos Perdidos — amigos leais de Peter Pan.



O grupo vai até a Pedra da Caveira para salvar os irmãos de Wendy das garras do Capitão Gancho. Felizmente, Tigrinha conhece um atalho pelas cavernas.



Peter Pan aparece para duelar com Gancho! As crianças fogem em segurança e vão até o esconderijo de Peter e dos Meninos Perdidos.



Os Meninos Perdidos sentem saudade de suas famílias, mas não conseguem se lembrar delas. Wendy os conforta com uma canção de ninar. Ao longe, Capitão Gancho ouve a voz de Wendy… e segue a música.



Chateado, Peter enfim confidencia a Wendy: Gancho e ele costumavam ser amigos! Então Gancho encontra o esconderijo e, surpreendentemente, derrota Peter em um duelo.



O Capitão Gancho captura as crianças e Wendy assume a liderança do grupo! Peter reaparece e, depois de unirem forças para derrotar Gancho, ele leva as crianças de volta para Londres, sãs e salvas.